

COMUNIDADES **REAIS**
COMUNIDADES **IMAGINÁRIAS**
COMUNIDADES **POSSÍVEIS**

20 a 22 de setembro

Universidade Estadual de Ponta Grossa

MINUTO 3

Movências
Interdisciplinares
da Utopia

**IX Colóquio
LITERATURA E UTOPIA**



CADERNO DE RESUMOS

QUINTA-FEIRA
(21/09)

* Simpósios:

- Simpósio 01:

Denúncias e anúncios: contemporaneidades utópicas e distópicas de autoria feminina

Profa. Dra. Ana Claudia Aymoré Martins (UFAL)

Profa. Dra. Ildney Cavalcanti (UFAL)

Formato: Híbrido

Sala: B-204 / Link: <https://meet.google.com/qqn-imxp-yuq>

Sessão 1 - (híbrida):

09h - Comunicação 01 - "Natureza selvagem: magia, humano e não-humano em *Who fears death*"

Carolina M.G.P. Silva (UFV) e Natália F. de Oliveira (UFV)

RESUMO: Historicamente, a literatura escrita por mulheres foi marginalizada pelo cânone literário, sendo considerada inferior, devido à prevalente visão social de que mulheres são o Outro em relação aos homens, sujeitos absolutos (Beauvoir, 2016). Contudo, a crítica literária feminista vem resgatando vozes de mulheres e redefinindo os parâmetros do cânone literário. No seio das distopias feministas, as mulheres são frequentemente associadas à natureza sensível, em contraposição à cultura racional historicamente atribuída aos homens, resultando na inferioridade das mulheres e na legitimação da dominação masculina sobre o gênero feminino e sobre a natureza (Fontes, 2021). Nnedi Okorafor, autora estadunidense de ascendência nigeriana, ocupou seu espaço na literatura distópica de língua inglesa com sua obra *Who fears death* (2010). A distopia narra a jornada de Onyesonwu, mulher nascida de um estupro que carrega consigo os estigmas da violência. Na África pós-apocalíptica de Okorafor, um grupo oprime, violenta e escraviza outros, de modo a garantir hegemonia e controle sobre a terra e a água. Onyesonwu tem o poder de se conectar à natureza selvagem, se transformar em animais e viajar rapidamente para outros espaços. Logo se descobre como feiticeira destinada a

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

salvar seu povo da opressão. Neste trabalho, recorreremos à crítica literária feminista e ao ecofeminismo para refletir as relações entre magia, natureza e seres humanos, pensando nas dicotomias natureza/cultura, homem/mulher e humano/não humano. Ao investigar um gênero literário marginalizado pelas normas do cânone, como a distopia, e partindo do pressuposto ecofeminista de que a ideologia que permite opressões humanas também corrobora com a dominação da natureza (Gaard, 1993), busca-se enfatizar a diversidade e destacar sujeitos frequentemente relegados ao papel de coadjuvantes ou ignorados.

Palavras-chave: distopia; autoria feminina; ecofeminismo; humano/não humano; natureza.

09h30min - **Comunicação 02** - "Maternidade e capitalismo: o valor de troca das aias em *O conto da aia* e *Os Testamentos*"

Tainá D. de Castro (UFV) e Natália F. de Oliveira (UFV)

RESUMO: O gênero distopia é marcado por aspectos como um futuro caótico e a implementação de Estados autocráticos, os quais estabelecem políticas e práticas de regulamentação de condutas sociais e de controle. Estas formas de governo partem de ideais utópicos que visam o surgimento de uma sociedade pautada em pensamentos idealistas que afetam vidas, sendo que estes podem demandar a aniquilação de pessoas, como mencionado por Levitas; Sarginsson (2003). Isto posto, estes traços podem ser observados em diversos momentos nas obras *O Conto da Aia* e *Os Testamentos*, da autora canadense Margaret Atwood. Marcados pelas disposições autoritárias do Estado de Gilead, estas narrativas demonstram como o totalitarismo afeta majoritariamente a vida das mulheres deste país, visto que, além de serem estratificadas de acordo com a necessidade social do país, seu aproveitamento reprodutivo é o principal marco para sua disposição social nesta sociedade. Ao mencionarmos a valia das pessoas dispostas socialmente em castas, é necessário ter em mente o que Karl Marx considerava como valor de mercado e moedas de troca. Assim, este trabalho visa analisar a maternidade e as aias enquanto moedas de troca entre Gilead e os demais governos, uma vez que a estrutura comercial e social do país funciona em torno da reprodução e aumento das taxas de natalidade e do status atribuído às famílias possuidoras de aias e filhos. Além disso, temos também as trocas comerciais do país, as quais envolvem a busca de mulheres aptas para serem aias ou Pérolas. Para incrementar a discussão proposta, esta pesquisa será embasada em teóricas do feminismo marxista, da crítica literária feminista, dos estudos de gênero e de teorias de narrativa distópica.

Palavras-chave: maternidade; distopia; valor de mercado; capitalismo; *O Conto da Aia*

10h - Comunicação 03 - "A distopia crítica em *Os testamentos*"

Yohana G. Bonfim (UEPG)

RESUMO: *Os testamentos* (2019), narrativa distópica escrita por Margaret Atwood, figura a República de Gilead, regime totalitário que tem como principais objetivos o controle dos corpos e o apagamento da individualidade das mulheres. Uma das protagonistas do romance é Tia Lydia. Ela reúne ao longo de vários anos documentos que denunciam diversos crimes cometidos por líderes em Gilead. Com a ajuda do grupo de resistência conhecido como Mayday e das personagens Agnes e Daisy (também narradoras do romance), as informações são publicadas por intermédio da mídia canadense e resultam na destruição interna do regime. Assim, a narrativa de Atwood apresenta vislumbres esperançosos em seu universo ficcional, características perceptíveis tanto pelos enclaves utópicos citados, como pela utilização da linguagem como contranarrativa de resistência por meio dos relatos das heroínas distópicas. Além disso, segundo Raffaella Baccolini (2022), a obra resiste à pureza do gênero, pois pode ser vista como literatura de testemunho. Narrativas distópicas com uma tendência utópica são nomeadas como distopias críticas. Tais escritos proporcionam uma transgressão na visão dicotômica entre utopia e distopia. Diante do exposto, a presente comunicação tem por objetivo realizar a análise da obra *Os testamentos* como uma distopia crítica. Por meio dessa análise, discutirei acerca das principais características dessa nova guinada distópica, bem como, a respeito da sua presença no romance escrito por Margaret Atwood como potência de crítica social e política. A pesquisa é de caráter bibliográfico, portanto, está amparada em referencial teórico acerca das relações existentes entre Literatura e utopia/distopia, com considerações de Sargent (1994), Cavalcanti (2000), Moylan (2000) e Baccolini (2022)

Palavras-chave: distopia crítica; utopia; Margaret Atwood; *Os Testamentos*.

10h30min - Comunicação 04 - "'O chapéu de uma é o chapéu de todas': A germinação das utopias em *Canto eu e a montanha dança*"

Ana Claudia Aymoré (UFAL)

RESUMO: Em *O cogumelo no fim do mundo* (2022), Anna Tsing, examinando as formas que o cogumelo matsutake encontra para sobreviver e perseverar em áreas severamente destruídas pela ação humana ao longo dos últimos séculos, compõe um paradigma alternativo que nos permite refletir a respeito das artes de se viver em um planeta devastado. Dentre estas qualidades, para Amitav Ghosh (2022), encontra-se a tarefa de se pensar o impensável, um desatino proposto, de modo decisivo, à imaginação literária: pois, nos pontos cegos da interpretação histórica,

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

que borram possíveis leituras do/para o porvir, a ficção pode lançar os súbitos e fugidios clarões num momento de perigo dos quais nos falou Walter Benjamin (2021), que assinalam a imagem irrecuperável do passado mas, ao mesmo tempo, atizam no passado - e lançam ao porvir - a centelha da esperança. Nesse sentido, esta proposta de comunicação busca, tomando como ponto de partida os capítulos “As trombetas” e “Puxar bebês”, do romance de estreia da escritora catalã Irene Solà intitulado *Canto eu e a montanha dança* (2021), assinalar um dos exemplos que constituem, dentre a profusão polifônica feminista e multiespécies que atravessa a narrativa, uma sim-poética, tal como proposta por Donna Haraway (2016); ou, ainda, diante do horizonte distópico engendrado pela modernidade capitalista, imperialista e patriarcal, uma potência da suavidade, a germinação de que nos falou Anne Dufourmantelle (2022), como ação utópica capaz de, simultaneamente, denunciar as violências históricas (semantizadas, na economia do texto de Solà, pelas bruxas/mulheres d’água) e apontar para outras formas de vida - comunais, gendradas, geocentradas - representadas pelas trombetas Craterellus, suas contínuas metamorfoses, suas interconexões subterrâneas, seu trabalho compartilhado. Em diálogo com Solà e as/os autoras/es supracitadas/os, iremos recorrer, ademais, às geontologias de Elizabeth Povinelli (2023), à poética da Relação de Édouard Glissant (2021), à sustentação do céu de Davi Kopenawa (2015), e à caça às bruxas como processo de racionalização capitalista, segundo Silvia Federici (2017).

Palavras-chave: Irene Solà; sim-poética; geontologias; feminismo multiespécies; literatura catalã

11h - **Comunicação 05** - “A percepção do tempo na mundificação de Terrapolis e das comunidades do composto”

Graziela Campana Drago (UFRJ)

RESUMO: Esta comunicação propõe uma leitura comparativa da imaginação teórica e ficcional envolvida na obra de Donna Haraway, *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* (2016), traduzida ao português no Brasil em 2023. Em continuidade ao pensamento da bióloga-feminista-filósofa estadunidense, esta obra propõe a possibilidade de jogar com a ficção na ciência e vice-versa, estabelecendo relações de equivalência entre a ficção científica, o fato científico e figuras de barbante. Esta proposta não pretende dismantlar o discurso científico, mas questionar a autoridade totalitária de uma ciência única em detrimento de perspectivas plurais de saber, saberes localizados e práticas imaginativas de saber. Entre o conceito de Terrapolis e a agência das comunidades do composto, apresentados respectivamente no primeiro e no último capítulo, Haraway articula relações com diferentes percepções temporais (geológicas, históricas e ficcionais) em busca de significações passíveis de manipulação

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3

Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

criativa, como o próprio conceito que nomeia o livro, Chthuluceno, operando a ressignificação da ideia de monstruosidade, tema já presente no seu “Manifesto Ciborgue” (1985). Ao renomear o monstro de Lovecraft, apontando o racismo e misoginia envolvidos naquela produção, e contrapondo-se a essa imagem, Haraway evoca a grafia referente às entidades ctônicas, similares tanto a Medusa quanto Gaia. Na mitologia grega, estas figuras são vistas como monstruosas por sua potência tentacular, animalesca e demoníaca, associadas a corpos ditos femininos. Esta operação de ressignificação entre o nome (Pimóia Cthulhu), a coisa (a aranha) e a imagem (monstro) é um dos pontos de articulação entre a biologia e a literatura, se lembrarmos da origem destas a partir da análise de Foucault em *As palavras e as coisas* (1966), demonstrando que o conhecimento do mundo moderno se dá através da ação de nomear. O conceito de mundificação é a base da operação desses jogos de Haraway, leitora e crítica de Foucault, entre saber e imaginação, ciência e ficção, que permitem a criação de estórias em que a utopia e a distopia participam em simbiose, parindo crias dessas compostagens. Sobre o pensamento de Haraway, é preciso destacar a notável influência da ficção científica de autoria feminina, como menciona no documentário “Story Telling for Earthly Survival” (2016) e no congresso “Arts of Living on a Damaged Planet” (2014), especialmente de Ursula K. Le Guin, cuja obra (teórica e ficcional) antecipa a construção de mundos alternativos relevantes a contemporaneidade no final do século XX. Desse modo, o objetivo principal desta comunicação é notar, na obra de Haraway (2016), a vivacidade e a possibilidade do cruzamento entre ciência e arte, saber e imaginação, delimitando noções de localização temporal semiótica, destacando a importância das palavras, imagens, perspectivas e estórias que identificamos como pontos de contato na formação de ideias. Terrapolis e as Comunidades do Composto são ideias que surgem da percepção do tempo no Chthuluceno, ou seja, de uma possibilidade de perceber o tempo material em associação com a própria percepção simbólica e social que fazemos da contemporaneidade, considerando então, tanto os traços distópicos como utópicos da materialidade que jogam o jogo entre realidade social e ficção científica.

Palavras-chave: mundificação; ficção científica; filosofia da ciência; Donna Haraway; literatura contemporânea

1h30min - **Comunicação 06** - “As histórias de Camille’ e a comunidade (re)imaginada do Chthuluceno”

Ildney Cavalcanti (UFAL)

RESUMO: Imaginar comunidades “gendradas alternativamente”, para usar a inspiradora expressão de Judith Butler (1991), é traço notável nos utopismos e distopismos feministas. Esta tendência vem sendo metaforizada sob várias formas, como por exemplo na concepção de um viés separatista de gênero - presente já nas mitologias grega e ameríndia, que perpassa a “cidade de mulheres” pré-renascentista (Christine de Pizan, 1405) e alcança a contemporaneidade em narrativas tão diversas quanto o blockbuster *Mad Max: A Estrada da Fúria* (George

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

Miller, 2015) e o romance distópico *Mulheres Empilhadas* (Patrícia Melo, 2019) -; ou nas figurações de relações entre os gêneros que extrapolam o modelo da família tradicional sob o patriarcado, ponto crucial para as políticas feministas. Pensemos, por exemplo, nas renovadas configurações familiares em *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy, ou ainda no agrupamento interespecie de sobreviventes ao apocalipse na trilogia *MaddAddam* (2003-2013), de Margaret Atwood. A presente proposta de comunicação dialoga com esta vertente conforme reimaginada por Donna Haraway em “As Histórias de Camille” (2016) e objetiva observar tanto os motivos literários herdados de uma tradição em sf feminista que ecoam nesta reconstrução da vida em coletividade, quanto os gendramentos alternativos realizados em modo ficcional. No percurso, serão abordadas também algumas das metáforas desenhadas teoricamente por Haraway em estudos centrais em sua obra - como o ciborgue e as espécies companheiras -, dando ênfase à noção de coletividade feminista e multiespecie, em contraposição ao individualismo feroz, um dos produtos nocivos do nexos patriarcal, neocolonial e capitalista que testemunhamos em nossos tempos. Também serão ouvidas, nesse diálogo, pensadoras dos feminismos decoloniais, cujas propostas contribuem para que iluminemos as figuras delineadas em “As histórias de Camille” também em seu urgente clamor decolonial (Lugones, 2014; Vergès, 2020), com ecos queer (Anzaldúa, 2017; Gomes, Ano). Assim, pretendo salientar como crucial a noção de comunidade (re)imaginada, nos planos estético e político, ou seja, tanto nos contos sf enfocados quanto em suas implicações em face à reconstrução do mundo no Chthuluceno.

Palavras-chave: comunidade (re)imaginada; Donna Haraway; Chthuluceno; feminismos decoloniais; sf

Sessão 2 (online): <https://meet.google.com/qqn-imxp-yuq>

14h - **Comunicação 01** - "Utopia e confluência com os bichos em Heliônia Ceres"

Luciano Mendes Duarte Junior (UnB)

RESUMO: Este trabalho debruça-se sobre o conto “Olho de besouro”, narrativa escrita pela professora e escritora alagoana Heliônia Ceres e publicada em seu livro de título homônimo em 1998. Propõe-se analisar a construção de um espaço utópico no qual animais e humanos experimentam uma relação de reciprocidade harmônica, utilizando como fio condutor a noção contracolonizadora de “confluência” desenvolvida pelo pensador e líder quilombola Bispo dos Santos (2023) e também defendida pelo escritor e líder indígena Krenak (2022), em um esforço de descolonizar as leituras acerca da animalidade e avançar um pouco mais neste debate ainda muito eurocentrado. Para tal, discutiremos também a

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

zoologia fantástica na ficção de Heliônia Ceres e as demarcações entre humano e animal em sua obra, com base nos trabalhos do pesquisador argentino Giorgi (2016) e da pesquisadora mineira Maciel (2016; 2020; 2023), além de revisitar análises anteriores acerca da autora, como as das pesquisadoras alagoanas Araújo (2007), Brandão (2009) e Nascimento (2011). Dessa forma, será possível explorar o vale descrito no conto enquanto um espaço utópico no qual as personagens humanas estabelecem uma relação de reciprocidade com os mundos animal e vegetal e que ilustra literariamente as ideias contracolonizadoras defendidas por Bispo dos Santos (2023) em seu livro mais recente.

Palavras-chave: animalidade; confluência; contracolonialismo; Heliônia Ceres; utopia.

14h30min - **Comunicação 02** - "A mulher que sobrevive ao fim do mundo: reflexões sobre a escrita de um romance"

Andrezza Tartarotti Postay (PUC-RS)

RESUMO: A escrita do fim do mundo, seja na literatura, no cinema ou em outras formas de expressão artística, frequentemente se baseia em narrativas que refletem a visão dominante da sociedade, o que geralmente significa uma perspectiva heteronormativa e androcêntrica. Isso implica que as histórias são contadas principalmente a partir da visão e experiência de homens heterossexuais, deixando em segundo plano ou ignorando completamente outras perspectivas, como a de mulheres e pessoas queer. As narrativas apocalípticas tradicionais muitas vezes retratam homens como heróis fortes, destemidos e líderes naturais, enquanto as mulheres são relegadas a papéis secundários, como o interesse romântico ou a figura de apoio. Isso cria uma dinâmica de gênero estereotipada e reforça normas de gênero tradicionais, perpetuando a ideia de que homens são os protagonistas da história e as mulheres são apenas coadjuvantes. Essas representações limitadas têm implicações significativas, pois moldam a maneira como vemos o mundo e influenciam a forma como enfrentamos os desafios globais. O presente trabalho trata de um ensaio pessoal, capítulo de uma tese de doutorado em Escrita Criativa. Uma dissertação, ou tese dentro da área é composta por uma produção literária e uma parte teórico-reflexiva onde há espaço para um aprofundamento acerca do processo criativo, bem como apontamento e desenvolvimento de tópicos teóricos que podem ou não ser relacionados aos temas presentes na obra literária. A obra ficcional que acompanha o ensaio é um romance intitulado *O fim do mundo é um lugar*, onde uma mulher lésbica vivencia uma espécie de apocalipse bem ao lado de sua casa. Ao desenvolver a narrativa de um ponto de vista que foge ao cânone, questões referentes ao antropoceno, as diferentes corporalidades na literatura e ao pensamento decolonial passaram a emergir. A partir da leitura de autoras como Donna Haraway, Glória Anzaldúa, Jota Mombaça, Leda Maria Martins, Carola Saavedra, entre outras, estruturou-se uma

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

reflexão conectando o processo criativo da escrita ao contexto de mundo que leva a autora a escrever sobre um fim do mundo na perspectiva de uma mulher lésbica que não é amparo e nem vítima, mas sim alguém que se relaciona com o fim de diferentes formas e se espanta com a realidade e com as próprias ações perante a catástrofe.
Palavras-chave: escrita criativa; fim do mundo; Antropoceno; distopia; ensaio

15h - **Comunicação 03** - "Um futuro utópico: colonialismo interno e ameaça linguística na literatura infantil e juvenil galega contemporânea"

Thayne Gaspar Jorge (UFRJ)

RESUMO: Em seu estudo socioeconômico sobre a Galícia, Xosé Manuel Beiras (1972) identificou uma situação de colonialismo de interior que servia para explicar todo o processo de descaracterização e perseguição linguística que a Galícia vinha sofrendo desde os finais da Idade Média. Segundo esse conceito, a Espanha centralista, representada por Castela, seria um inimigo para a sobrevivência da língua galega e da manutenção de toda a sua cultura. Esse projeto de desnacionalização, embebido nos grandes marcos da tomada de consciência e da criação de marcos identitários ligados ao resgate mitológico de natureza céltica surgidos na Galícia e na Irlanda do século XX, está refletido em obras da literatura infantil e juvenil galega contemporânea como *Dona Galicia* (1979), *A Brétema* (1999) e a história em quadrinhos do conto risquiano, *A velliña vella* (2012), nos quais o futuro em aberto se apresenta como uma grande utopia pensada, ansiada, mas ainda não escrita. Este trabalho se propõe a analisar o conflito político sob a luz das teorias sobre gênero que orientaram a imagem de uma Galícia feminina, submissa, explorada e próxima de uma morte simbólica, representada pela velhice, e deseio futuro incerto ou impossível. Com o auxílio de teóricos como Helena Miguélez-Carballeira, Marjorie Howes, Helena Fernández e Montse Pena Presas, podemos embasar uma leitura sobre a tentativa de quebra dos laços coloniais, da dependência política e econômica que colocaram a cultura e a língua galega em um estado de inferioridade e em um processo de extinção que fazem com que qualquer futuro mais positivo se torne uma grande utopia.

Palavras-chave: Galícia; Colonialismo interno; galego; gênero; literatura infantil e juvenil.

15h30min - **Comunicação 04** - "'Eu, incubadora': um diálogo sobre o corpo da mulher em universos distópicos"

Raquel de Mello Soares (PUC-RS)

RESUMO: A ficção científica, apesar de ser um gênero dominado pelo masculino mesmo nos dias de hoje, foi fortemente marcada desde o princípio pelas vozes de autoria feminina, a maioria influente nos avanços e novas narrativas de ficção

científica. O poder de especular sobre o nosso mundo e sociedade deu a oportunidade para que mulheres usassem sua escrita para reconstruir a realidade e criticar temas como o machismo, o feminicídio, o abuso, entre outros. Dentro disso, surgem então as narrativas distópicas e utópicas feministas, que misturam reflexões tecnológicas e ecológicas para trazer medo e esperança para a humanidade. No presente trabalho, apresentarei uma análise do conto “Eu, incubadora”, da autora Aline Valek (2013) – publicado na coletânea coorganizada por ela e Lady Sybylla intitulada *Universo Desconstruído Vol.1* (2013) –, a partir da observação da figura da mulher em uma sociedade distópica e dos direitos e leis sobre o seu corpo. Para isso, farei uso do artigo “Temos de mulheres: utopias e distopias feministas na literatura e história”, de Danielle Santos Dornelles (2021); e alguns textos teóricos presentes na coletânea *Utopias sonhadas/Distopias anunciadas: feminismo, gênero e cultura queer na literatura*, organizada por Deplagne e Cavalcanti (2019), com foco no debate sobre os corpos femininos na ficção científica. E, além disso, também usarei como base os artigos de Lady Sybylla, em seu blog Momentum Saga, sobre maternidade, gravidez e aborto na ficção científica. Em conclusão ao trabalho, salientarei a importância de textos feministas no gênero, em especial o distópico, para a discussão de temáticas do universo feminino e para nos fazer repensar o tipo de futuro que queremos para nós como sociedade.

Palavras-chave: distopia; feminismo; literatura; autoria feminina; corpo; gravidez

16h - **Comunicação 05** - "Feminismos e a ficção científica brasileira: uma análise literária da configuração da maternidade no conto “Eu, incubadora”, de Aline Valek"

Tathiana Leite Belo (UFAL)

RESUMO: O trabalho está centrado na discussão e análise da configuração da maternidade no conto "Eu, incubadora", de Aline Valek (2013) presente na primeira coletânea de ficção científica feminista brasileira. O estudo é parte da observação da invisibilidade da escrita literária realizada por autoras, sobretudo no gênero da ficção científica (FC), e tem por foco a literatura brasileira do século XXI. Sendo assim, o objetivo desta comunicação é analisar o conto de Valek (2013) de FC distópica e problematizar questões de gênero, corpo e reprodução. Para embasar o trabalho, os seguintes aportes teóricos são explorados em suas interfaces com os estudos literários: Aline Valek e Lady Sybylla (2013) e Susana Funck (2016), com foco no gênero da ficção científica, especialmente de autoria feminina; Ildney Cavalcanti (2006) e Lucia de La Rocque com ênfase em imagens do corpo nas distopias; Adrienne Rich (1979), Susana Funck (1993), Cristina Stevens (2007) e tania swain (2007) sobre configurações da maternidade. No tocante à rota de análise, a leitura observa os traços composicionais do conto em relação à comunidade distópica nele imaginada e também à representação da maternidade, considerando, em seguida, algumas das

implicações relacionadas ao modo como são figuradas a maternidade e a reprodução. Desse modo, pretendo contribuir para discussões feministas sobre a maternidade a partir de um olhar sobre as metáforas contidas neste conto distópico de FC; e também proporcionar uma maior visibilidade para a autora por meio da ampliação de sua fortuna crítica e da divulgação de sua ficção.

Palavras-chave: Feminismos; Estudos de Gênero; Aline Valek; Ficção Científica Brasileira; Maternidade.

16h30min - **Comunicação 06** - “Distopia e Ecofeminismo: O canibalismo ecocrítico de Agustina Bazterrica em *Cadáver Esquisito*”

Kim Patrice Santiago Sarmiento (UFAL)

RESUMO: Partindo da necessidade de analisar obras distópicas para especularmos sobre possíveis futuros anunciados pela ficção, considerando-os sob uma lente crítica, a comunicação proposta objetiva realizar uma análise literária do romance *Cadáver Esquisito*, de Agustina Bazterrica, uma distopia argentina publicada em 2017, com foco na representação da necessidade do consumo de carne ao retratar seres humanos como produto de consumo em um universo em que o canibalismo torna-se naturalizado. Tal análise recorrerá a teorias ecocríticas, ecofeministas, especificamente no que concerne ao especismo, em articulação com teorias sobre o gênero literário da distopia. Sob a ótica da ecocrítica e do ecofeminismo, Gaard (1993) e Garrard (2004) iluminarão a leitura da obra de Bazterrica. Já em relação aos estudos críticos da utopia, as formulações de Cavalcanti (2005), Moylan (2000) e Mancuso (2022) trarão luz à análise da sociedade distópica incorporada à obra. A reflexão aponta que são evidentes os diálogos entre a obra de Bazterrica, ao denunciar temas como a postura do capitalismo alimentador de crenças biotanatópicas antiecológicas, além de nos mostrar, sob a forma de sátira, a dominação patriarcal sobre o corpo feminino da personagem Jazmín, os conflitos diante da presença de imigrantes ilegais, moradores de rua e classes sociais de menor prestígio, enfim, grupos considerados como não-humanos e a relação da personagem vegetariana, Marcos Tejo, com toda a comunidade canibal. É verificado que o canibalismo humano figurado na obra atua como representação de uma certa visão de humanidade, resultante de um exacerbado binarismo antropocêntrico que dicotomiza hierarquicamente os planos do humano e da natureza. Nesta comunicação, minha leitura levanta algumas possíveis implicações produzidas pela representação do mundo físico concebido nesta distopia como um problema social futuro.

Palavras-chave: Canibalismo, Distopia, Ecofeminismo, Agustina Bazterrica

- Simpósio 02

Diálogos distópicos

Prof. Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Formato: Presencial

Sala: B-120

14h - Comunicação 01: “Literaturas do fim do mundo: nas ruínas do neoliberalismo em *O deus das avencas* (2021), *A nova ordem* (2019) e *O colapso da nova ordem* (2022)”

Antonio Rediver Guizzo (UNILA)

Maíra Soalheiro Grade (UNIOESTE)

RESUMO: As obras *O deus das avencas* (2021), de Daniel Galera, *A nova ordem* (2019) e *O colapso da nova ordem* (2022), de Bernardo Kucinski, participam de um grupo de narrativas brasileiras contemporâneas que, através do gênero distópico, figuram a agressiva exploração dos recursos naturais, o aprofundamento das desigualdades sociais e a gradativa descartabilidade do ser humano gerados pelo capitalismo neoliberal e pela ascensão de governos com características totalitárias ao poder. A obra *O deus das avencas* (2021) é composta por três novelas que, embora díspares, constituem uma gradação das relações sociais e políticas do país rumo ao esfacelamento das formas de socialidade. A primeira novela, “O Deus das avencas”, apresenta a agonia de um casal que espera o nascimento do filho frente à incerteza dos rumos políticos do país; a segunda, “Tóquio”, narra uma sociedade distópica em que a grave devastação ambiental soma-se à crença na possibilidade de transferência da consciência humana a aparatos tecnológicos; a terceira, “Bugônia”, apresenta um futuro pós-apocalíptico em que a humanidade, na ausência de tecnologias e sob a ameaça de uma patologia contagiosa e letal, retorna a formas tribais de socialidade e, para sobreviver, estabelece uma relação de mutualismo com abelhas. Em *A nova ordem* (2019), Bernardo Kucinski retrata um Brasil ficcional em que um regime político autoritário, agindo em nome dos interesses dos detentores do capital econômico, corrói uma a uma as estruturas e garantias democráticas; em *O colapso da nova ordem* (2022), continuidade da obra anterior, para além de todos os horrores praticados em nome da estabilidade e manutenção do sistema de governo já praticados, é posto em prática um objetivo ainda mais ousado: a “eliminação” de noventa milhões de habitantes através da disseminação deliberada de um vírus, objetivando a melhor inserção do país como principal produtor de commodities na divisão mundial do trabalho. O objetivo da pesquisa é analisar como tais obras buscam no gênero distópico (ou pós-apocalíptico) possibilidades de figuração da contemporaneidade e quais sentidos se pode inferir de tal procura. Para tal fim, nos orientamos em duas linhas teórico-analíticas: a) pesquisas que investigam características do gênero distópico e

acompanham o fenômeno do crescimento da produção distópica em diferentes países e contextos sócio-políticos, tais como María Laura Pérez Gras (2017), Eirik Vassenden (2022), Tom Moylan (2018), Jill Lepore (2017), Gregory Claeys (2016) entre outros; pesquisas que investigam as consequências do neoliberalismo e ascensão da extrema direita na sociedade contemporânea, tais como Fisher (2020), Harvey (2016), Casara (2020), Brown (2019), Mounk (2009), Chauí (2020), Rocha (2021).

Palavras-chave: Literatura distópica contemporânea; Neoliberalismo; Democracias em crise; Daniel Galera; Bernardo Kucinski.

14h30min - Comunicação 02: “As experiências anestésicas em distopias modernas”

Claudio Marcos Veloso Junior (SEED/PR)

RESUMO: Em seus estudos, Walter Benjamin realiza diversos apontamentos referente ao fato de experiências anestésicas, como o uso de alcaloides e drogas, serem frequentes na modernidade. A modernidade é o período caracterizado pela presença de diversos conflitos, como guerras mundiais e revoluções. Nesse sentido, a hipótese de Benjamin para a recorrência desse uso é a busca por percepções que auxiliam a aliviar as tensões existentes nesse período histórico. Concomitantemente a esse período histórico, começa-se a surgir no cenário da literatura diversas obras que tem como temática a distopia. A distopia é caracterizada por demonstrar sociedades em caos, desiguais e conflituosas, ou seja, aspectos que refletem esse contexto histórico em crise. Ademais, a reflexão amplia-se aos hábitos e crenças pertinentes da modernidade. Levando isso em consideração, o presente estudo tem por objetivo analisar as obras distópicas Admirável Mundo Novo e A Ilha, de Aldous Huxley, e 1984, de George Orwell, buscando evidenciar como as experiências anestésicas estão presentes nas sociedades representadas nessa obra. Procura-se, dessa forma, compreender como tais experiências são promulgadas por essas sociedades e evidenciar de que forma essas experiências presentes nessas obras refletem o contexto histórico em que essas obras estão inseridas. Para tal propósito, o presente estudo tem como base bibliográfico os estudos de Walter Benjamin, Susan Buck-Morss e ensaios de Aldous Huxley que debatem o assunto.

Palavras-chave: Admirável Mundo Novo; Distopia; 1984; A ilha; Huxley; Orwell

15h - Comunicação 03: “A correlação entre as obras distópicas *A Revolução Dos Bichos e Nós*”

Emanuelle Correa Wrege (UEPG)

RESUMO: Tendo em vista a preocupação social das obras distópicas, a relação intertextual entre as obras, *A Revolução Dos Bichos e Nós*, dos autores George

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

Orwell e Eugene Zamiátin, respectivamente, nos alerta para o preocupante discurso e idealismo utópico do *TODOS SOMOS UM*. É evidente a relação de ambas as obras ao denunciar a postura de líderes autoritários que desejam o poder e utilizam a manipulação discursivas ideológicas para ludibriar e alienar os indivíduos. Essa manipulação atinge níveis catastróficos ao combinar a sutileza das palavras com atitudes maquiavélicas, caso o que seja imposto ao indivíduo não seja cumprido. Ao analisar as duas obras é possível compreender a dimensão revolucionária que ambas exercem, a rebelião e revolução como um meio de se libertar das amarras de um determinado regime. O objetivo desse trabalho é analisar as semelhanças entre as obras de Orwell e Zamiátin, a fim de compreender a dimensão dos discursos autoritários dos líderes, o aspecto coercitivo do domínio sobre o indivíduo e o ideal revolucionário como um instrumento de transformação social. Para tanto, será necessário a compreensão de Hannah Arendt a respeito do poder da propaganda como instrumento do totalitarismo e os estudos de Foucault, o qual nos alerta sobre controles minuciosos do poder.

Palavras-chave: Distopia. Intertextualidade. Revolução. Domínio. Poder.

15h30min - Comunicação 04: “Ursula Le Guin e a relativização da utopia edênica”

Déborah Scheidt (UEPG)

RESUMO: No contexto judaico-cristão, a quintessência da utopia estaria representada na narrativa do Jardim do Éden, uma conexão perfeita entre Deus, a humanidade e a natureza, rompida já no início dos tempos e à qual se deseja retornar. O jardim paradisíaco descrito no Livro de Gênesis - planejado pessoalmente por Deus com “toda sorte de árvores agráveis à vista e boas para alimento” (Gn 2,9), abrigando uma nascente de rio e as árvores da vida e do conhecimento do bem e do mal - seria uma dádiva aos primeiros humanos para uma amena vida de prazeres. A inobediência à palavra de Deus - ironicamente representada pelo acesso ao conhecimento - traz consequências que vão muito além da punição ao primeiro casal, afetando toda a descendência humana. O fato de essa inobediência ter partido inicialmente de Eva fomentou, ao longo dos séculos, visões pejorativas e misóginas do papel da mulher na sociedade, transformando Gênesis em um dos textos mais influentes para a História das Mulheres do Ocidente. Mas a autoridade da Bíblia para ditar o status quo das mulheres também tem sido frequentemente disputada, especialmente após o advento do Feminismo. No conto “Sheunnamesthem”, escrito por Ursula Le Guin na década de 1980, Eva assume o protagonismo, tomando para si a iniciativa de desfazer o autoritarismo de Deus/Adão no ato de nomeação dos seres. Ao desnomear os animais e a si mesma, a Eva de Le Guin põe-se em situação de igualdade com os seres não-humanos. Além disso, ela não comete o pecado original e, corajosamente, deixa o “paraíso” patriarcal por vontade própria. O ato de

desnomear, nesta análise, é vinculado à ecocrítica pós-colonial, especialmente ao conceito de “consciência planetária eurocentrada” de Mary Louise Pratt. A contestação dos binarismos humano/animal, racional/irracional, sujeito/objeto, mandante/subordinado é articulada às teorias ecofeministas de Val Plumwood. Assim, o caráter utópico tradicional do Jardim do Éden como “paraíso na terra” é questionado e relativizado.

Palavras-chave: Ursula Le Guin; "Sheunnamesthem"; Reescrita; Ecocrítica pós-colonial; Ecocrítica feminista

16h - Comunicação 05: “O conto da aia e Os testamentos: A hierarquia das castas em (para além de) Gilead”

Yohana Gonçalves Bonfim (UEPG)

RESUMO: O conto da aia (1985) é uma narrativa distópica escrita por Margaret Atwood. No romance, há a figuração de um regime totalitário nomeado como República de Gilead. Uma das estratégias do regime que objetiva oprimir e controlar os corpos das mulheres é o aprisionamento delas em uma hierarquia de castas. Portanto, há as Esposas, Tias, Marthas, Aias e Não - mulheres. Cada uma delas exerce uma determinada função nessa sociedade distópica. A obra O conto da aia é narrada por Offred, que é forçada pelo regime a desempenhar a função de Aia: mulheres que cometeram alguma transgressão e são obrigadas a terem relações com Comandantes a fim de gerar prole. Assim, o romance é centrado no ponto de vista da protagonista narradora. Em 2019, a mesma autora publicou Os testamentos. A obra figura o mesmo universo ficcional: Gilead e, de certa forma, retoma temáticas de O conto da aia. O foco narrativo do romance está centrado no relato de três personagens: Tia Lydia, Agnes e Daisy. Tia Lydia é a mais velha e a única a ter vivido na organização social anterior a República de Gilead. Ela também é uma das personagens de O conto da aia, e, inclusive, como uma Tia, exerce funções importantes nessa organização social distópica, como, por exemplo, o recrutamento das Aias. Agnes é filha de um Comandante e Daisy, por sua vez, cresceu no Canadá e expõe, portanto, uma perspectiva de fora dos muros de Gilead. Assim, os diferentes pontos de vista narrativos em Os testamentos podem ampliar o entendimento da sociedade distópica figurada nos romances, principalmente, no se refere à organização das castas. Dessa forma, o objetivo da presente comunicação é analisar a obra Os testamentos a fim de identificar estratégias narrativas e temáticas que proporcionam a ampliação da perspectiva sobre as castas das Aias e das Tias em comparação a O conto da aia. A análise tem a finalidade também de discutir e compreender as funções desempenhadas por Aias e Tias e a percepção da população de Gilead e de outros países sobre elas. A pesquisa é de caráter bibliográfico, portanto, está amparada em referencial teórico acerca das relações existentes entre Literatura e utopia/distopia, com

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

considerações de Moylan (2000), Trousson (2005), Berriel (2005) e Baccolini (2022), como também, os estudos de De Lima (2022) sobre o neodistópico.

Palavras-chave: Aias; Tias; Castas; Atwood; Distopia.

16h30min - Comunicação 06: “Panem: A utopia na distopia ou a distopia de uma utopia?”

Ana Flávia Kulcheski (UEPG)

RESUMO: Esse trabalho objetiva, por meio da reflexão e discussão teórico crítica, explorar o conceito de distopia (tanto em sua dimensão literária quanto sociopolítica) e sua proximidade da estrutura com o gênero que lhe deu origem, ou seja, o texto utópico. Buscou-se então, através de conceitos chave de distopia e de utopia, mostrar, por meio da análise do país fictício Panem, figurado na trilogia Jogos Vorazes, de Suzanne Collins, como as noções de Utopia e Distopia oscilam entre si, e como a distopia poderia então se afirmar como uma ramificação da utopia e não como sua oposição. Ao longo do trabalho aprofundaremos a discussão da caracterização de Panem ao mesmo tempo como espaço utópico e distópico, assim como demonstraremos que há uma busca pela utopia dentro da sociedade diatópica da obra. Para tanto, embasaremos nossa abordagem nas reflexões teórico-críticas de autores como Lyman Tower Sargent, Northrop Frye, Raymon Trousson, Tom Moylan e Gregory Claeys.

Palavras-chave: distopia; utopia; literatura; diatópica; teórico-crítico

*

- Simpósio 03:

Da viabilidade: comunidades imaginadas podem tornar-se utopias concretas?

Prof. Dr. Marcus V. Matias (UFAL)

Prof. Dr. Fábio Fernandes (PUC - SP)

Formato: Híbrido

Sala: B-217 / Link: <https://meet.google.com/izw-srun-pem>

Sessão on-line

14h00 - Comunicação 01: “Comunidade, memória e utopia”

Marcus V. Matias (UFAL)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

RESUMO: A proposta de discutir comunidades imaginadas reside em uma questão voltada para como essas comunidades são idealizadas: de que são feitas; de onde vem o impulso criativo para sua engenharia; qual é o seu propósito? Na busca por essas respostas, vários caminhos nos levam para a constituição da memória, sobretudo a afetiva, e também para o impulso utópico de querer habitar, mesmo que em desejo, um lugar edificado por pessoas de uma grande comunidades em harmonia. Bem assim se mostra a versão ficcionalizada da utópica Brasília, na obra do artista plástico Christus Nóbrega, intitulada “Brasília, enfim” (2023). Essa obra nos permite um olhar sobre as relações simbólicas que permeiam toda a configuração estética dessa comunidade imaginada e formada por povos que, no mundo histórico, enfrentam conflitos de gênero e muitas vezes imersos em uma infeliz diáspora. São essas narrativas históricas, sociais, ideológicas e culturais, as quais constituem a formação desses lugares imaginados e inspirados pela memória e pelo impulso utópico, que estão em foco nessa proposta: o modo como os espaços são reconfigurados e representados de acordo com a diversidade e o imaginário comunitário. O fato do cenário dessa representação da capital federal ser retro futurista, misturando inteligência artificial e fatos históricos, também inspira questionamentos acerca da noção de lugar (espaço-temporal), a qual passa a ter uma função norteadora para a construção identitária. Logo o que se propõe é a análise da “reconstrução dos cenários de uma realidade que em parte se esvaiu, a busca do significado e da memória” (Santos, 1994, p. 67), por meio dessa comunidade imaginada, para o reconhecimento identitário e histórico na idealização entre uma comunidade e o seu entorno geográfico e sociocultural.

Palavras-chave: Memória; Inteligência artificial; Utopia; Comunidades imaginadas.

14h30min - Comunicação 02: “Os dentes da modernidade: como Drácula materializa os pesadelos da cultura ocidental”

Octavio Aragão (UFRJ)

RESUMO: Este artigo visa explicar algumas características sugeridas pelo escritor Kim Newman a respeito do romance seminal de BramStoker, seus personagens e reformulações fílmicas nos últimos anos, apontando como tanto o personagem Drácula quanto os coadjuvantes - Abraham Van Helsing, John Seward, Mina Murray, Jonathan Harker, Arthur Holmwood e Quincey Morris - funcionam como metáforas para algumas facetas típicas da Europa modernista, sendo o Conde a personificação do receio das antigas instituições seculares e continentais enquanto seus perseguidores encarnam os ideais da burguesia: a medicina, a *suffragette*, o direito, a nova aristocracia britânica e o ímpeto transformador de uma jovem América. Dracula, assim, pode ser encarado não apenas como um romance gótico, mas uma proto-ficção científica em que a ciência e representantes de uma sociedade solar e iluminista, de acordo com a visão do teórico Adam Roberts, potencialmente utópica, de posse de artefatos e conhecimentos mais adiantados que os que vivemos no século 19 real, lutam contra o retorno de tradições ancestrais, suas castas e tradições

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

baseadas em superstição sobrenatural e sangue. Para tal, examinaremos a estrutura literária do romance original, eminentemente epistolar, mas descrita como diversas transcrições realizadas por intermédio de máquinas e técnicas tais como taquigrafia e gravações em cilindros de cera, e suas transposições para o cinema, que em diversas ocasiões primaram por efeitos visuais revolucionários, tais como o *Nosferatu* (1922), de Murnau, *Dracula* (1931), de Todd Browning, e o *Dracula de BramStoker* (1992), de Francis Ford Coppola. No final, buscamos entender como Drácula se apresenta como uma figura que deve sua iconicidade e intemporalidade a um intenso diálogo entre aspectos que incluem a sociologia e a psicologia, refletindo em anseios e receios de uma nova sociedade.

Palavras-chave: Modernidade, Utopia, Solarpunk, Ficção Científica

15h - Comunicação 03: “Cidade, memória e utopia”

Henrique Eugenio de Carvalho Gomes (UFAL)

RESUMO: A pesquisa aqui apresentada, entende que estudos da história têm examinado a memória como o universo mental que adquire substância social e estabelece vínculos entre indivíduos, objetos, espaços e meio social. Neste sentido, tem-se como objetivo, articular reflexões sobre os impactos e relações desenvolvidas entre pessoas e a cidade, o complexo habitar e suas ramificações espaciais na contemporaneidade. Entende-se que os espaços se redefinem constantemente em configurações morfológicas e paisagens, construindo e des-construindo vivências cotidianas de seus habitantes. Para isso, este trabalho utiliza-se de considerações produzidas por estudiosos que se debruçaram sobre a temática da memória e da história sob assas nuances emblemáticas, a exemplo de Pierre Nora, Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Ecléa Bose e WilliBolle, dentre outros autores cuja contribuição foi essencial para o embasamento dos argumentos utilizados. Assim, pretende-se discutir o conceito de memória, não apenas em sua designação mais comum e cotidiana, como “um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado” (BARROS, 2007, n. p.), mas a partir do pensamento de Le Goff (1990) que propõe a memória, como “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476). Sendo ainda “uma construção psíquica e intelectual que acarreta [...] uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas dele, inserido num contexto social.” (LE GOFF, 1990, p. 12). Pretende-se examinar a memória como chave que impulsiona os limites projectuais de espaços e cidades utópicas, sendo, portanto, responsável pela forma e transversalmente pelo pensamento sobre o tempo, o futuro e as possíveis ou prováveis tecnologias.

Palavras-chave: Cidades; Memória; Tempo; Utopia; tecnologias

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

15h30min - **Comunicação 04:** “Sergio Bernardes: Arquitetura e Eutopia de um moderno”

Claudia Helena Campos Nascimento (UFRO)

RESUMO: O arquiteto carioca Sergio Wladimir Bernardes (1912-2002) foi importante nome da chamada Segunda Geração Moderna da Escola Carioca. Seus projetos são, ao mesmo tempo referenciais e polêmicos, o que gerou incompreensões e estigmas na historiografia da arquitetura. Com forte vínculo com a Contra-cultura norte-americana, rompeu com o discurso da “modernidade corrente”, como propõe Hugo Segawa (1996) criando a contra-corrente, sem, contudo, fazer parte desse fluxo da moderna arquitetura brasileira. O movimento que Bernardes fará em direção ao High Tech o levará ao encontro de Richard Buckminster Fuller (Milton-Florida/EUA, 1895-1983) e promoverá mudanças no processo - de forte base acadêmica - de produção do pensamento arquitetônico no Brasil. De seu escritório, a partir do final da década de 1960, estabeleceu nova dinâmica no processo de produção e reflexão sobre o espaço construído, que culminou na criação do Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), poucos anos depois. Talvez a mais importante proposta de Bernardes, tida como utópica, tenha sido o projeto de urbanização para a cidade do Rio de Janeiro, publicado em edição especial da Revista Manchete, em 1965. Além das discussões de cunho macro e desenvolvimentista, como o Projeto Brasil, o Modelo Hidráulico e as Rótulas Nacionais, que propunham a orientação do desenvolvimento do Brasil, e o Terrismo que possuía clara articulação com a “Espaçonave Terra”, de Buckminster Fuller: criação de padrões e rizomas internacionais de interligação tecnológica e logística, por fluxos e trocas que ele denominou como cibernéticas. Sergio Bernardes/LIC, se antecipou a discussões do campo social, aplicando sua práxis profissional a serviço de todos. Através do LIC, Bernardes vai promover planos-macro para o país, delimitando territórios e estruturas que visavam à gestão local e em escala (GUANAES, 2016), que serão publicados em dois livros: “Cidade, a sobrevivência do poder” (1974) e “Bônus patrimoniais/capitalização do solo urbano” (1977). Desta forma Bernardes estabelece o conceito de sua eutopia: “Utopia seria afirmar que tal plano será realizado amanhã ou daqui a um século. Realismo é saber que pode ser feito”.

Palavras-chave: Eutopia; Sergio Bernardes; Arquitetura; Contra-cultura; Moderno

Sessão presencial

16h - **Comunicação 01:** “Fazendo Preparativos para o Fim do Mundo: Kim Stanley Robinson e a utopia logística em ação em The Ministry for the Future”

Fabio Fernandes da Silva (PUC - SP)

RESUMO: O mais recente livro de ficção escrito por Kim Stanley Robinson, *The Ministry for the Future*, publicado em 2020, é um divisor de águas em diversos aspectos: não só é um livro importante para a ficção científica em geral por sua visão de uma utopia viável e guiada por diretrizes (portanto, dentro do conceito de utopia logística por nós apresentado pela primeira vez em *Uneven Futures* [FERNANDES, 2022], mas também porque é o último livro de ficção escrito por Robinson, que declarou que de agora em diante escreverá somente livros de não-ficção voltados para ecologia e ecossistemas. (O primeiro, *The High Sierra: a Love Story*, foi publicado em 2022.) Nesse romance, Robinson descreve uma das cenas mais impactantes da literatura dos últimos anos: o extermínio da população de toda uma cidade da Índia numa onda de calor devastadora provocada pela crise climática mundial. É a partir desse evento-chave que se desenrola a criação do ministério epônimo, um órgão da ONU feito para planejar ações imediatas a fim de evitar catástrofes semelhantes. A narrativa polifônica de Robinson, que compartilha visões díspares, não só do ponto de vista de vários personagens, mas até mesmo de processos físicos e políticos, oferece um apoio teórico importante pelo uso do metálogo, forma narrativa criada pelo antropólogo e cientista social Gregory Bateson em seu livro *Steps for na EcologyofMind*, de 1972. A presente comunicação tem como objetivo apresentar esses metálogos como a principal ferramenta por intermédio da qual Robinson consegue expor com eficiência seus passos para uma logística que conduziria a uma utopia viável, e portanto realizável dentro do horizonte de vida de seus personagens.

Palavras-chave: antropoceno; utopia; utopia logística; solarpunk, metálogo

*

- Simpósio 04

O palco como concretização de mundos imaginários

Prof. Dr. Carlos Gontijo Rosa(UFAC)

Prof. Ms. Phelippe Celestino (USP)

Formato: On-line

Link: <https://meet.google.com/jye-vypt-eed>

09h - **Comunicação 01:** "*O Festival International d'ArtDramatique de Paris: de um mundo imaginário para mundos imaginados*"

Esther Marinho Santana (USP/FAPESP)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

RESUMO: Em junho de 1954, estreava em Paris o I Festival International d'Art Dramatique, uma empreitada que visava extrapolar a mera reunião de espetáculos vindos de diferentes países, encenados em seus idiomas originais. Criado pelo diretor do Théâtre Sarah Bernhardt, Aman Maistre Julien, e pelo jornalista e secretário-geral do Théâtre national populaire de Jean Vilar, Claude Planson, o projeto “trazia consigo uma utopia: reconciliar os povos pelo teatro, pela abertura à cultura do Outro, e em todas as línguas” (Aslan, 2009, p. 7). Composta por manifestações teatrais advindas de todo o globo, no contexto de antagonismos e destruições decorrentes de duas grandes guerras, a programação era concebida como uma rara via de aproximação, compreensão e confraternização humanas. Após três edições anuais, o evento se transformaria no Théâtre des Nations, e, se não cumpriria o ideal de servir como uma plataforma de comunhão mundial, descortinaria “o mais internacional dos festivais internacionais” (Peslin, 2009, p. 21), deixando como legado as renovações estéticas de Bertolt Brecht, Jerzy Grotowski e Peter Brook, e o contato com tradições teatrais até então jamais vistas por plateias ocidentais. Nutrindo-se do ideal conciliatório de Julien e Planson, a recém-fundada República Popular da China, isolada no extremo oriente, de onde estabelecera poucas relações diplomáticas, utilizou o festival de 1955 como uma espécie de ponte transcontinental. Planejado por nomes do Partido Comunista e executado pelos artistas da trupe Ensemble Officiel de la République Populaire de Chine, o programa apresentado mesclava peças representativas de uma das teatralidades de maior apreço na cultura chinesa, o Jingju (também chamado de Ópera de Pequim), com coreografias e canções populares. Mais do que a interpretação das obras em si, interessava aos chineses a performance da identidade de uma comunidade imaginada (Anderson, 2006), encenada como, simultaneamente, uma China a ser conhecida e reconhecida, ou, dito de outro modo, uma novíssima e milenar China, legítima e única. Esta comunicação pretende demonstrar como o Festival International d'Art Dramatique, em seu utópico intento de criação de tempos outros e de um universo harmonizado contra uma realidade geopolítica, em verdade, das mais fraturadas, terminou por viabilizar aproximações e entendimentos peculiares. Em termos mais específicos, propõe discutir os contornos e desdobramentos do espetáculo de 1955 da República Popular da China, que, graças à generosa acolhida ali obtida, permitiu ao país levar para diversos públicos - inclusive o brasileiro - a sua mise-en-scène de uma identidade meticulosamente imaginada.

Palavras-chave: Anos 1950; Festivais internacionais; Mobilidade teatral; Teatro chinês; Comunidades imaginadas

09h30min - **Comunicação 02:** "A distopia é possível no teatro?: O caso do *Concílio da Destruição* e outros mundos imaginados"

Carlos Gontijo Rosa (UFAC)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

RESUMO: Já delimitado por Aristóteles como um dos gêneros literários “originários”, na Poética, o teatro tem se mantido relativamente ativo entre as artes contemporâneas - marcadas por diversas mudanças de mídias e materialidades do final do século XX até este início do XXI -, sofrendo, assim, também algumas modificações, mas sem se descaracterizar enquanto gênero literário e artístico. *Concílio da destruição* (2013), representado pela companhia Les Commediens Tropicales (LCT), e escrito por Carlos Canhameiro, propõe um teatro em interação com as tecnologias de mídias contemporâneas. Tal construção estético-poética, presente também na dramaturgia - uma escrita “em processo” -, também interage com a temática ou gênero discursivo da distopia. Não sendo um gênero nascido na nossa contemporaneidade, a distopia tem encontrado bastante aceitação tanto entre jovens leitores quanto entre espectadores, considerando sua disseminação em filmes e séries televisivas. Porém, embora tematicamente interessante para pensar o século XXI, assim como comercialmente atrativo pela aceitação do público, nota-se que há poucas peças teatrais, contemporâneas ou antigas, que construam um mundo distópico. Nesse sentido, levanta-se a questão: Não seria artisticamente produtiva a interação entre teatro e distopia? Esta comunicação parte da proposta verificada em Gontijo Rosa e Brait (2021), de que a distopia é um gênero discursivo, para analisar a sua presença na peça de Canhameiro e encaminhar uma discussão mais ampla acerca da inter-relação entre distopia e teatro.

Palavras-chave: distopia; teatro; *Concílio da Destruição*; mundos imaginados.

10h - **Comunicação 03:** “O projeto de uma Comédia-Brasileira no século XIX: uma realidade ou uma utopia *à la française*?”

Phelippe Celestino Pereira dos Santos (USP/FAPESP)

RESUMO: No decorrer da segunda metade do século XIX, homens de letras ligados ao desenvolvimento do teatro no Brasil, incluindo figuras proeminentes como Machado de Assis e Arthur Azevedo, tinham como objetivo elevar a dramaturgia nacional a um patamar de excelência e reconhecimento literário. Para concretizar essa visão, era primordial estabelecer uma tradição teatral sólida, tanto em termos de produção cênica quanto de criação de novas peças teatrais. Analisando esse contexto sob a perspectiva atual, destaca-se a presença de diversas ideias utópicas que se alinhavam a um imaginário ideal: a construção de um teatro nacional vigoroso, intrinsecamente associado à literatura. Inspirados por um exemplo estrangeiro que consideravam bem-sucedido, a saber a Comédie-Française de Paris, esses intelectuais brasileiros demandavam maior apoio do poder público para o teatro brasileiro. Contudo, ao observarmos essas aspirações e as compararmos com a história da centenária trupe teatral francesa, mostra-se evidente a disparidade entre o ideal utópico que esses indivíduos conceberam e a realidade que forjou a identidade única

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

da Comédie-Française, oriunda de uma trajetória privilegiada e singular. Nesse contexto, para entendermos melhor as implicações dessa experiência e seus desdobramentos nas primeiras décadas do século XX, nossa comunicação tem como objetivo explorar a relação entre o real e o ilusório nas concepções que embasaram esse projeto de reabilitação estética e requalificação literária do teatro brasileiro, modelado segundo os padrões clássicos e tradicionais franceses que sustentaram o crescimento e a perenização da Comédie-Française desde suas origens até os dias atuais.

Palavras-chave: Teatro Brasileiro; História; Utopia; Teatro e Literatura; Comédie-Française

10h30min - **Comunicação 04:** “O universo de distópico Dias Gomes: considerações sobre a peça *O Túnel* (1968)”

Maria Clara Gonçalves (UFES/FAPES)

RESUMO: Na década de 1960 o Brasil sofreu intensas transformações no campo político que reverberaram nos diversos campos artísticos do período. O Golpe Militar de 1964 instituiu um Estado totalitário que pôs em suspensão a liberdade de expressão e a democracia. A sociedade brasileira se viu de mãos atadas ante um governo que ditava as normas sociais, culturais e políticas. Neste contexto, após a pergunta “O que você espera do Brasil, hoje?” proferida pelo diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa à Dias Gomes, o dramaturgo escreveu a peça “O Túnel” no ano de 1968 - encenada somente em 2009. Presos no engarrafamento em um túnel de alguma grande cidade, Dias Gomes apresenta personagens oriundas de um Brasil distópico, que sem conseguirem sair daquela situação, permanecem sob o domínio do trânsito que não flui. A presente comunicação busca, assim, compreender como a produção dramática “O Túnel” está engendrada nos conceitos de distopia e como tal leitura permite ampliar as análises de um texto de menos vulto nos estudos sobre o teatro de Dias Gomes.

Palavras-chave: teatro brasileiro; Dias Gomes; distopia

*

- Simpósio 05:

Cli-fi: Narrativas ficcionais utópicas e/ou distópicas e a mitigação dos efeitos do aquecimento global sobre a vida no planeta

Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (UEPB)

Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG)

Formato: Online

Link: <https://meet.google.com/bgr-jmtk-xth>

09h - Comunicação 01: “Abominável Clima Novo: uma leitura ecocrítica do antropocentrismo e das mudanças climáticas em *A Curva do Sonho*, de Ursula K. Le Guin”

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo (UPE)

RESUMO: O presente estudo apresenta uma leitura ecocrítica do romance *A Curva do Sonho* (1971), da escritora norte-americana Ursula K. Le Guin (1929-2018), com base nas reflexões que a ficção científica estimula sobre o Antropoceno e a influência das ações humanas para a ocorrência de mudanças climáticas. Como pontua Mehnert (2016), em 'ClimateChangeFictions', a chamada “performance literária” oferece-nos modos de repensar e reimaginar os problemas ambientais contemporâneos que não apenas intervêm nos debates atuais, mas também os molda fundamentalmente. No caso das alterações do clima, domínios discursivos são de extrema importância a fim de que permitam aos leitores pensarem sobre o futuro do planeta. Com efeito, o texto em questão realiza uma contribuição singular para a compreensão desta temática, especialmente de como as gerações pósteras podem se adaptar - ou não - às condições climáticas dos próximos anos. É nessa perspectiva que essa análise se integra como uma de muitas discussões que o viés ecocrítico sugere sobre as consequências do protagonismo antropocêntrico na literatura e sua relação com o clima, verificadas na obra de Le Guin. Para tanto, alguns teóricos da Ecocrítica serão fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa, observando como a produção literária desempenha sua função efetiva no tocante à sua proposta de alerta aos efeitos catastróficos resultantes dos atos imprudentes da humanidade contra o ciclo natural da Terra e a sobrevivência das espécies.

Palavras-chave: Antropocentrismo; Ecocrítica; Literatura; Mudanças climáticas

09h30min - Comunicação 02: “A estrada começa depois do fim do mundo: por uma ecocrítica a partir de Margaret Atwood e Cormac McCarthy”

José Luiz Coelho Rangel Junior (UERJ)

RESUMO: Este trabalho parte da ideia expressa pela chamada do referido simpósio, segundo a qual o gênero *Cli-fi* é o “gênero primordial de nossa era”. Trata-se, portanto, de pensar o lugar do Apocalipse nesse gênero narrativo. Para tanto evoca-se a obra de Margaret Atwood, *Oryx and Crake* (2003) e a narrativa pós-apocalíptica de Cormac McCarthy, *A Estrada* (2006). Em ambas as narrativas não se dá a saber ao leitor os motivos que levaram ao aparente extermínio da vida humana na Terra. *Oryx and Crake* narra a história do último sobrevivente da terra, conhecido como Homem das Neves, enquanto *A Estrada* conta a história de um pai e um filho que trilham uma jornada para o sul em busca de proteção contra o frio intenso passando por cenários de verdadeira desolação. Nos dois casos, os autores recorrem às memórias, sonhos e pensamentos dos personagens para recontar a destruição total do

mundo humano, que pode ser vista como consequência do que Max Weber chamou de "desencantamento do mundo". Este processo, que se desenvolveu atrelado às revoluções tecnológicas e com a crescente burocratização da vida, num mundo cada vez mais individualista e liberal que encontra o seu epítome - anos depois do trauma do Pós-guerra e da Guerra Fria que quase acaba culminando na destruição total do mundo -, na passagem do século XX para o XXI. Não à toa estes romances veem à lume nos primeiros anos do novo milênio. Por isso, busca-se encontrar, nesses dois representantes da literatura visionária e apocalíptica do século XXI, as formas simbólicas do individualismo, da inconsequente exploração da natureza pelo homem, bem como da produção desenfreada de riquezas, da acelerada competição nos setores produtivos e da tecnificação das relações pessoais. Todas essas questões servem de pano de fundo para uma Ecocrítica que encontra o início de novas formas de ser e habitar este mundo na literatura do fim.

Palavras-chave: Literatura Apocalíptica; Literatura visionária; Utopia; Distopia

10h - Comunicação 03: “Retratos do ecocídio na literatura – uma contribuição ecocrítica para análise de obras de Frank Schätzing, Herman Melville, Ignácio de Loyola Brandão e Ursula Le Guin”

Ana Rüsche (USP)

RESUMO: O termo “ecocídio” é um conceito internacionalista e multidisciplinar que designa a destruição de ecossistemas, comprometendo a vida pacífica em determinado habitat, termo-chave para discutirmos a crise climática. Na comunicação, propõe-se analisar o ecocídio retratado em diferentes obras literárias, apontando-se como refletem seu contexto histórico e como contribuíram para um olhar ecológico sobre determinados temas. No corpus, serão comentadas as seguintes obras: o clássico *Moby Dick*, do estadunidense Herman Melville (1851); a premiada novela *Floresta é o nome do mundo*, da estadunidense Ursula K. Le Guin (1972); a distopia brasileira *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão (1981), e o recente *O cardume*, do alemão Frank Schätzing (2004). A comunicação pretende delinear como o conceito de ecocídio foi concebido ao longo do século XX; analisar brevemente cada uma das obras sob uma perspectiva ecocrítica; e mostrar como a forma literária, em cada uma das obras, por meio do estranhamento, desloca o olhar mais comum e permitindo um afastamento crítico sobre o estado de catástrofe atual, para que não só possamos constituir um imaginário sobre o extermínio de espécies, mas também para o cultivo de responsabilidades coletivas. Na crítica, serão utilizados os trabalhos de David Zierler e Polly Higgins sobre ecocídio; de Darko Suvin e Fredric Jameson sobre utopia e estranhamento; de Anna Tsing, Bruno Latour e Donna Haraway sobre a questão ecológica, entre outras autorias.

Palavras-chave: Ecocídio; Ecocrítica; Ecologia; Distopia

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

10h30min - Comunicação 04: “Degradação ambiental e infertilidade feminina: pontos de intersecção em *O conto da aia*, de Margaret Atwood”

Ângela Maria de Melo Araújo (UFCG)
Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG)

RESUMO: Atualmente as mudanças climáticas, impulsionadas pela ação humana, representam desafios significativos para continuação da vida na Terra. Sendo assim, na medida em que as consequências da degradação ambiental vão aumentando e tornando-se cada vez mais perceptíveis, surge a grande necessidade de formas criativas com o intuito de conscientização e de mitigação dos efeitos catastróficos decorrentes da desestabilização do clima. Nesse contexto, vimos nos últimos anos o surgimento da ficção climática (do inglês *climatechangefiction*, ou sua abreviação *cli-fi*) que pode ser entendida como uma alternativa inovadora em abordar as mudanças climáticas (MEHNERT, 2016). Vários são os exemplos de narrativas da contemporaneidade que acomodam tal discussão, a exemplo da trilogia *MaddAddam*, de Margaret Atwood. A preocupação ambiental por parte da autora canadense não se restringe apenas à referida coletânea. Percebemos seu engajamento em outras obras, sobretudo em sua aclamada narrativa distópica, a saber, *O conto da aia*, publicado em 1985. Este romance nos apresenta um futuro próximo em que um regime fundamentalista detém o controle social, dividindo as mulheres em castas. Convém ressaltar que tal divisão tem a ver, em grande medida, com as habilidades reprodutoras de um grupo de mulheres em um contexto em que a maioria delas já se encontra infértil. Embora os motivos para o declínio da natalidade e o aumento considerável nos casos de infertilidade feminina não sejam totalmente esclarecidos na narrativa, é possível especular a relação de tais casos com a poluição do meio ambiente através de tóxicos e substâncias expelidas na natureza de forma desordenada. Esta proposta de trabalho objetiva identificar no texto literário elementos, até mesmo os implícitos, que possam relacionar a degradação ambiental e a infertilidade das mulheres em *O conto da aia*.

Palavras-chave: *O conto da aia*; Distopia; Degradação ambiental; Infertilidade

14h - Comunicação 05: “Desvendando a existência harmoniosa: facetas do *Cli-fi* na série *Kipo e os Animonstros*, através da ecocrítica”

João Vítor de Lima (UFPB)

RESUMO: O alarmante quadro da crise ambiental no mundo apresenta aos estudiosos o desafio de comunicar de forma efetiva à população, a ciência por trás dos dados científicos. Tendo em vista esse panorama, o gênero *Cli-fi* (*ClimateChangefiction*) se revela como uma potente ferramenta para tornar esse diálogo possível. Pensando nisso, o presente trabalho buscou analisar, através da teoria ecocrítica, a série animada “Kipo e os Animonstros” como um possível instrumento de comunicação das

questões ambientais. A investigação foi guiada pela pergunta: Quais facetas da série tornam factíveis a classificação dela como pertencente ao gênero Cli-fi? Para responder a esse questionamento foi necessário realizar a leitura da fundamentação teórica da área da ecocrítica e *Cli-fi*, assistir ao corpus audiovisual, isto é, a série, e traçar os paralelos entre os textos teóricos e o universo ficcional. Para embasar a teoria ecocrítica, *Ecocrítica* (2006), de Greg Garrard foi indispensável, assim como *ClimateChangeFictions: Representationsof Global Warming In American Literature* (2016), de AntoniaMehnert, que sustentou a análise do gênero em questão. A análise foi dividida em três pontos principais, os animais mutantes, os humanos e a protagonista Kipo. Observou-se que os animonstros, seres gigantes que habitam a superfície na narrativa, representam a natureza selvagem, simbolizando a busca por uma reintegração do mundo natural, que foi afastado por avanços da civilização humana. Enquanto isso, os humanos vivem exilados no subsolo, em "tocas", buscando recuperar o controle da superfície. Um aspecto interessante é o ressentimento expressado pelos mutantes, que adquiriram a habilidade da fala, em relação à humanidade, enquanto os humanos, por sua vez, demonstram desprezo por esses seres. No centro dessa luta pelo domínio da superfície emerge a protagonista Kipo, que descobre ser um híbrido de jaguar e humano. Por meio das ações da protagonista, a série enfatiza a importância da compreensão da relação entre ser humano e natureza como um sistema interconectado. A trama se desenvolve para ilustrar que a sobrevivência humana depende da promoção de uma coexistência harmoniosa. Em síntese, a análise da série "Kipo e os Animonstros" à luz da teoria ecocrítica destaca a relevância da narrativa como uma forma de abordar, por meio do gênero *Cli-fi*, as complexas questões ambientais que afetam o mundo atual.

Palavras-chave: Ecocrítica; Cli-fi; Ficção pós-apocalíptica; *Kipo e os Animonstros*

14h30min - Comunicação 06: "ClimateChangeFiction: A Ficção Especulativa que incide sobre a Sustentabilidade do nosso Planeta"

Sueli Meira Liebig (PPGLI/UEPB)

RESUMO: O fim da vida no planeta Terra é iminente, a não ser que viéssemos reduzido consideravelmente a média de emissão de gases estufa nos últimos anos e 2020 poderia ser a década perfeita para iniciar o processo. Os registros revolucionários do Painel Científico sobre os Impactos do Aquecimento Global das Nações Unidas de 1018 (IPCC specialReportontheimpactsof global warmingof 1.5°C-2018) revelam continuamente, para nosso espanto, o que muitos estudiosos e pesquisadores da comunidade científica vêm afirmando há anos: que as consequências imediatas das mudanças climáticas serão muito mais devastadoras do que se imaginava antes. Considerando este fato e sendo professores de Literatura, nosso propósito neste Simpósio é discutir sobre o papel da leitura literária em mitigar tais efeitos. Ou seja, especular sobre o potencial que tem a literatura de mudar

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

corações e mentes, proporcionar mudanças e inspirar ou energizar os jovens a enfrentar o problema da mudança do clima global. Desde a segunda metade do Século XX, um novo gênero ficcional literário vem surgindo no cenário da Literatura Anglófona: –o romance de mudanças climáticas, frequentemente referido pelo portmanteau “cli-fi” (climate-fiction). O gênero junta estas tendências para descrever uma mudança histriônica no clima terrestre em determinado local e uma visão das opções disponíveis para uma população que procura adaptar-se ou mitigar seus efeitos. Cli-fi é, portanto, o gênero primordial da nossa era, sendo o Apocalipse usado para representar um devir nebuloso. Devemos observar na literatura passada o modo como alguns dos escritores mais criativos e proféticos imaginaram as mais diversas sortes de futuros tenebrosos que estariam nos esperando se acaso insistíssemos em permanecer com as mesmas atitudes frente ao meio ambiente. Enchentes, Secas, Derretimento das Geleiras, Superpopulação, Aumento Previsível da Temperatura que aumenta as Marés, Submersão das Nações Ilhoas e das Cidades Costeiras. Todos nós já ouvimos estas más notícias. Como Ted Howell (2015) observa, o gênero é condizente com a verdade que pode ser vivida ou experimentada. Stankorb (2016) por sua vez, observa que a verdade da mudança climática, seja na vida real ou na ficção, é tão terrível quanto fascinante: Escrever sobre um mundo abalado por mudanças climáticas sempre resulta em uma visão distópica. Portanto, o que se há de fazer com aquela sensação de destino virtualmente inescapável? Como calcular o peso da devastação global pela qual nós todos somos responsáveis em maior ou menor grau? Que mudanças sociais seriam necessárias para a solução do problema? Todos estes assuntos serão discutidos neste Grupo de Trabalhos.

Palavras-chave: ClimateChangeFiction; Aquecimento Global; Apocalipse; Literatura Distópica; Literatura Utopica

15h - Comunicação 07: “E se as abelhas desaparecessem? A narrativa distópica de Natalia Borges Polesso”

Felipe Kalinoski Ribas (UEPG)
Gisele de Fátima do Prado (UEPG)

RESUMO: Estudado como um novo gênero literário ou como apenas um tópico dentro do gênero distópico (PENTEADO, 2022), o *cli-fi* (*climatechangefiction*) vem se tornando destaque no cenário literário ao narrar desastres climáticos provocados pelo homem, ou como vem sendo chamado esse fenômeno: antropoceno. Como Howell (2015) aponta estar convencido de que os verdadeiros inimigos do movimento pela justiça climática são parte de corporações, neste trabalho identificamos o agronegócio como um deles. Desta forma, este trabalho propõe analisar o romance distópico *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, evidenciando o impacto climático global causado pelos pesticidas, acompanhando uma narrativa de extinção dos pequenos insetos auxiliares no equilíbrio ecológico mundial ao qual nomeamos

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3 IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

abelhas, pelo uso excessivo de pesticidas agrícolas causando um abalo no planeta, notando assim uma aproximação com a realidade, na qual, no Brasil, o ano de 2021 se encerrou “com 562 agrotóxicos liberados” (SALATI, 2022). Com isso, concordamos com o que escreve Stankorb (2016) que coloca esse tipo de ficção como forma de aproximação de situações que seriam impensáveis, ou muito distantes, destacando a importância do estudo desses textos, a partir então dessa abordagem analítica, pretendemos demonstrar como a literatura, através do gênero *cli-fi*, trabalha de forma verossímil o uso desenfreado de pesticidas, uma vez que toda ação descontrolada para com a natureza gera consequências incalculáveis. Para embasar nossas discussões nos ancoramos nos escritos de Carson (1969), Howell (2015), Stankorb (2016), Penteadó (2022), entre outros autores que trabalham com o tema da ficção climática.

Palavras-chave: Literatura; Ficção climática; Extinção; Verossimilhança

15h30min - Comunicação 08: “Tecnologia, Capitalismo e Colapso Ambiental em *The Space Merchants* (1952), de Frederik Pohl e Cyril M. Kornbluth”

Denis Marcio Rodrigues Junior (UNICAMP)
Sueli Meira Liebig (PPGLI/UEPB)

RESUMO: Esta apresentação tem como objetivo apresentar a obra de ficção científica *The Space Merchants* (1952), de Frederik Pohl e Cyril M. Kornbluth, destacando como ela apresenta o modo de vida capitalista como o oposto do conservacionismo ambiental, sendo uma das primeiras obras a apresentar o colapso ambiental como uma ameaça de proporções catastróficas e intrinsecamente conectado ao sistema capitalista. No livro, a principal ameaça ao modo de vida intensamente consumista propagado pelo protagonista são o grupo subversivo dos consies, ou conservacionistas. As duas ideologias são completamente opostas e incapazes de conversar entre si: mesmo quando forçado a viver como um trabalhador, o protagonista - um publicitário da classe mais elevada - não se dobra à nova perspectiva e não pretende manifestar misericórdia alguma para nenhum membro do grupo quando voltar a sua posição privilegiada, mais ainda os vê como fanáticos e excêntricos. Tudo o que o grupo vê como ruim, “explosão populacional, alterações do Q.I., taxas de mortalidade e novas causas de morte”, Mitch toma como uma boa notícia para a sua classe, afinal: “mais gente, mais vendas. (...) Menos inteligência, mais vendas”. O comandante MacDonald, um especialista em caçar consies, também demonstra perplexidade com as crenças do grupo: manifesta convicção irrestrita na tecnologia, capaz de resolver todos os problemas do homem, enquanto os consies afirmam que em certo ponto a exploração causa danos irreparáveis e conduzirá eventualmente a destruição do mundo. Um dos aspectos mais interessantes da obra é, portanto, o papel dado as limitações da biosfera, o que Luiz Marques chama de “retorno negativo”. Ao explorar o meio ambiente, existiria um limite da adaptação humana e, após a ultrapassagem dele, haveria uma contra

adaptação: nesse ponto a relação homem-natureza deixa de ser adaptativa e torna-se mutuamente destrutiva, o que pode conduzir à nossa extinção. *The Space Merchants* aponta a relação antagônica entre o capitalismo consumista e sempre em expansão e a conservação do meio ambiente décadas antes do debate se tornar central, caracterizando-o claramente como uma obra pioneira de *climatechangefiction* [ficção climática].

Palavras-chave: Distopia; Ficção Científica; Colapso ambiental; Capitalismo

*

- Simpósio 06

A tematização da obra artística no tempo e no espaço: autor, contemplador e resposta ativa

Prof. Dr. Paulo Rogério Stella (UFAL/PPGLL)

Formato: On-line

Link: <https://meet.google.com/zdf-gzdz-sqv>

09h - **Comunicação 01:** “Contexto como espaço utópico-distópico: Odalisca andróide na arte e na vida”

Paulo Rogério Stella (UFAL/PPGLL)

RESUMO: A cultura cyberpunk se coloca na esteira dos estudos acerca das relações entre utopias e distopias. Entre os representantes desse viés na cultural Brasileira, citamos Odalisca Androide, de Fausto Fawcet. O poema distópico, inspirado em Os androides sonham com ovelhas elétricas? de Phillip K. Dick, foi produzido no final dos anos 80 e recitado por Maria Bethania. O objetivo dessa comunicação é propor reflexões acerca das relações estabelecidas entre mundo vivido, distópico, e mundo sonhado, utópico, no poema em tela. Para tanto, partimos de noções tratadas na Análise Dialógica, do Discurso acerca da verbo-visualidade, posicionamento espaço-temporal do falante e contexto dialógico. O conceito de verbo-visualidade (BRAIT, 2006) trata da unidade de sentido produzida por texto e imagem. Já o posicionamento espaço-temporal do falante trata da relação entre utopia e distopia, como apresentada por Bakhtin (2010), nas reflexões acerca do posicionamento do ser humano como centro organizador de dois mundos que não se conectam, o mundo da arte e o mundo vivido. Por fim, as questões acerca do tempo e espaço na percepção do locutor (BAKHTIN, 2006) dizem respeito aos sentidos produzidos cronotopicamente. No que diz respeito à metodologia, partimos do poema declamado como enunciado concreto (BAKHTIN, 2016) para, com base nos aspectos teóricos, discutirmos os valores utópicos e distópicos presentes no texto. Como resultado, pretendemos mostrar como a posição espaço-temporal do locutor constrói sentidos para o contexto valorado dialogicamente.

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

Palavras-chave: Utopia e Distopia. Cultura cyberpunk. Contexto dialógico. Espaço-tempo.

9h30min - **Comunicação 02:** “Produção artística contemporânea: a revista Pixé”

Simoni Rodrigues dos Santos (UNEMAT)
Isaac Newton Almeida Ramos (UNEMAT)

RESUMO: O presente artigo propõe desenvolver um estudo sobre a produção artística contemporânea, publicizada na primeira edição impressa da revista Pixé (2019), intitulada “Geração Pixé”, tendo como foco o poema: “Palavras errantes das mulheres poetas”, de Marilza Ribeiro e o poema “Protesto para Tereza”, de Wladimir Dias Pino, publicado na Primeira edição da revista Sarã (1951), poema esse, que substancializa tendências intensivistas, ligados ao movimento modernista no século XX. Para tanto, faremos uma revisão sistemática qualitativa das principais publicações que abarque os estudos acerca das revistas literárias, que possam contribuir com os métodos de leitura e amplie as projeções artísticas relacionadas a esses periódicos. Dentre as bibliografias estão: Candido (1981; 2006), Barthes(1988), Yasmin Nadaf (1993), Magalhães (2001), Ramos (2011), Bakhtin (2003), Leite (2005), Almeida(2012), Castrillon-Mendes (2019), Campos (2021), Mahon (2021) entre outros teóricos e críticos que contemplem em seus estudos, abordagens basilares que subsidiaram as análises. Neste íterim, passamos a reconhecer, por meios dos poemas, as simultaneidades dos signos verbais, não-verbais e suas especializações recorrentes de uma amálgama entre texto-imagem-contexto, que estratificam nosversos, as questões sociais que circundam a poesia. E, por fim, delinear uma relação entre a Pixé e a Sarã, ambas revistas literárias produzidas em Mato Grosso.

Palavras-chave: Poesia; Imprensa; Literatura e outras artes. Geração Coxipó Geração Pixé. Cenas contemporâneas.

10h - **Comunicação 03:** “Análise dialógica do filme ANTÔNIA: questões de verbo-visualidade”

Juliano Bezerra Brandão de Freitas (UFAL/PPGLL)

RESUMO: Esta comunicação corresponde a uma análise de viés dialógico-discursivo com base nos estudos do Círculo de Bakhtin, tendo em vista toda conjectura do filme: ANTÔNIA, UMA SINFONIA. Direção de Maria Peters. Holanda e Bélgica. 2019|12|2h 19min. Do ponto de vista teórico, o filme é baseado na história real de Antonia Brico (Christanne de Bruijn) que, na Nova York de 1930, tornou-se a primeira mulher a conduzir, com sucesso, uma grande orquestra. Ela ousou seguir o sonho de se tornar uma maestrina, embora ninguém acreditasse ser possível apenas por ser uma mulher. Porém ela foi além do que imaginavam e fez história na música. O

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

objetivo dessa análise é refletir acerca dos pontos de tensão existentes no filme ‘Antônia, uma sinfonia’ levando em consideração os sentidos produzidos pelo movimento temporal. Do ponto de vista teórico, para realizar a análise desse filme, trago a concepção de língua e de cronotopo. Isto é, a língua atua como fio condutor nas relações sociais, (re)modelando e (re)orientando o modo como os sujeitos se constituem e são constituídos no e com o mundo (VOLÓCHINOV, 2019). Com base nos constructos bakhtinianos a concepção de cronotopo está relacionada diretamente ao tempo e espaço (BAKHTIN, 2010). Isso significa que os sentidos produzidos a partir da análise da obra em tela e os sentidos produzidos pelo movimento temporal da obra, somente podem ser observados por alguém situado em outro espaço e tempo, isto é, em nosso caso, pelo pesquisador, que deve ser capaz de perceber esses discursos e reconstituir os sentidos produzidos por meio dos dados analisados. O recorte escolhido para a análise, são as cenas do filme em que se percebeu os maiores pontos de tensão tematizados socialmente durante toda trama. Como resultado, percebemos que o fechar das cortinas deixa ao interlocutor as mais diversas possibilidades de construção dialógica a partir das relações, entonações e processos enunciativos que se estabeleceram durante toda a trama. Pois, segundo Volóchinov (2019), cada enunciação da vida cotidiana é um entimema socialmente objetivo. É uma espécie de palavra-chave que somente conhecem os que pertencem a um mesmo horizonte social. Já entonação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida por ser social por excelência e por pertencer a todos os espaços temporalmente construídos.

Palavras-chave: Análise dialógica; Relações sociais; Língua; Tempo; Espaço.

10h30min - **Comunicação 04:** “Ritmo e poesia: a literatura do grupo nova era invadindo a cena rap soteropolitana”

Ezequiel Santos Cruz (UFBA)

José Henrique de Freitas Santos (UFBA)

RESUMO: A proposta deste trabalho é apresentar a literatura do grupo musical Nova Era, destaque na cena rap de Salvador. Costurando o gangsta rap com suas linhas, os integrantes Kbça, Moreno e Ravi narram com rimas ácidas e sagazes o cotidiano caótico soteropolitano inundado pela violência, racismo, drogas e crime. Oriundos do Beco do Sabão (liberdade), “Cidade de plástico”(Periperi) e Uruguai(CBX, o trio, em mais de uma década de estrada, vêm movimentando a cena underground do rap em Salvador, sua veia literária está acentuada nas vertentes LiteraRUA(Toni C.,2015), Literatura Divergente(Maca,2019),Literatura de ver gente(GOG,2018).Donos de uma lírica marginal, o grupo Nova Era enriquece a cena do rap soteropolitano a partir de obras como Poesia Marginal (2018), Mundo Moderno(2019) Salvador tá escaldado(2015)e O rap é arte(2017). O Rap - um gênero musical marginalizado, oriundo das periferias do Brasil e do mundo, produzido majoritariamente por

afrodescendentes e menosprezado/subestimado por determinada parte da crítica cultural hegemônica- chega a ser taxado como música inferior, ou sequer considerado música (MACEDO, 2011). As letras do grupo Nova Era são narrativas de si e, simultaneamente, de um povo preto, pobre e periférico, excluído do projeto de construção da nacionalidade. Estudar as obras do grupo permite delinear elementos da Literatura Marginal, a partir das músicas, letras, imagens, performances, fotografias, lugares e vídeos. No trabalho, de cunho qualitativo, pretende-se investigar a presença de narrativas periféricas nas obras em questão, ou seja, elementos político-identitários, étnico-raciais, étnico-sociais, culturais, estéticos, estilísticos e de pertencimento. O grupo de Rap soteropolitano Nova Era é um, dos muitos conjuntos musicais do gênero que enfrenta os dramas provocados por essas exclusões/subalternizações. A crônica marginal do gueto, como o pesquisador conceitua a banda e sua obra, é um expoente do cenário gangsta do Rap Baiano. Suas letras musicais provocativas e polêmicas, ainda não são aceitas em nenhuma rádio de Salvador, evidenciando a rejeição de tudo que escapa o limiar do aceitável à cultura brancocêntrica. Nesse sentido, a pesquisa aqui proposta visa a contribuir para a validação do texto negro do Rap, “desafiado a escapar à tradicional verificação do refluxo de experiências estéticas e discursivas europeias, para só aí se aferir alguma qualidade literária” (FREITAS, 2016, p. 103). O estudo em questão será a primeira fortuna crítica acadêmica sobre um dos grupos musicais mais importantes do rap baiano. Desenvolvido por um intelectual orgânico, (HALL, 2003), negro, Rapper, integrante do movimento Hip Hop e pertencente à periferia da cidade de Salvador, o trabalho objetiva abrir caminhos para que demais trabalhos surjam com perspectivas outras para o enriquecimento desse estudo no campo da literatura.

Palavras-chave: Rap; Literatura; Música; Rua; Marginal.

14h - **Comunicação 05:** “A roupa que veste o corpo, que veste a vida: uma análise dialógica dos sentidos produzidos na indumentária das/os personagens do filme Antonia - uma sinfonia”

Carlos Alberto Matias De Oliveira (UFAL/PPGLL)

RESUMO: A realidade ideológica pode ser materializada pelas mais variadas formas de linguagens visuais, como palavras, roupas, imagens, etc. (MEDVEDEV, 2019). Tais materialidades fundam-se sobre uma matriz indicial que aponta para os valores que circulam e constroem o mundo. A partir desse entendimento, este trabalho busca analisar os sentidos reiterados e produzidos nas e por meio das indumentárias de três personagens do filme Antonia - uma sinfonia. Enquanto aporte teórico, esta pesquisa pauta-se nos estudos da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2006, 2008) para compreender que a linguagem verbo-visual (BRAIT, 2013) desempenha papel constitutivo dos sentidos produzidos na vida em sociedade. Essa compreensão apoia-se no entendimento de que as dimensões da arte e da literatura estão povoadas de valores cronotrópicos em diferentes graus (BAKHTIN, 2018). Enquanto recorte

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3

Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

metodológico, são analisadas as vestimentas utilizadas pelas/os personagens Antônia Brico (protagonista do filme), Srta. Denise e Robin Jones (amigas/os de Antonia) ao longo do filme. Os endereçamentos das discursividades identificadas nas indumentárias se orientam como respostas aos valores que circulam naquele espaço e tempo. Uma primeira resposta é ao discurso patriarcal, ao reger as permissividades e interditos refletidos e refratados nas vestimentas da protagonista, apontando para os lugares em que as mulheres eram autorizadas a transitar. A segunda resposta se direciona aos discursos heteronormativos e LGBTfóbicos, cerceando e proibindo que os corpos que não se enquadram no padrão heteronormativo possam habitar outros lugares que não os espaços marginalizados. Contudo, mesmo em face às imposições de um sistema opressor, as/os personagens buscam formas de resistência, embora limitadas às possibilidades da época. Por fim, o filme Antonia -uma sinfonia, em seus aspectos verbo-visuais, estabelece redes dialógicas com os discursos circulantes e estruturantes da Nova York de 30. Conhecer tais discursos nos permite ouvir as vozes e diálogos presentes no filme, podendo, por consequência, compreender os modos como as relações sociais eram e são moldadas.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; Verbo-visualidade; Dialogismo. Heteropatriarcado; LGBTfobia.

14h30min - **Comunicação 06:** “O diálogo entre arte e sociedade nas distopias literárias brasileiras”

Mykaelle de Sousa Ferreira (UERJ)

RESUMO: No ensaio intitulado Literatura e vida social, escrito por Antonio Candido, em 1965, o crítico literário focaliza os diferentes níveis da relação entre literatura e os aspectos sociais a partir de uma interpretação dialética, evitando certo ponto de vista mecanicista ou paralelístico. É nesse sentido que o autor, levando em consideração que algumas das “tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas” (CANDIDO, 2006, p. 28), propõe a seguinte questão: afinal, “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” (CANDIDO, 2006, p. 28). Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho objetiva refletir sobre a possível relação entre arte e sociedade a partir da análise do livro Tupinilândia (2018), de Samir Machado de Machado. Situado entre a narrativa de aventuras e a distopia, entre personagens nazistas e animatrônicos, o livro realiza uma deglutição da tradição dos gêneros voltados para o entretenimento, à luz de uma perspectiva fundamentalmente política. A narrativa conta a história do utópico parque temático “Tupinilândia”, idealizado por João Amadeus Flynguer e construído no centro da Floresta Amazônica, durante os anos de chumbo no Brasil (1964-1985), que será posteriormente transformado em um espaço ficcional de clausura, sob as ordens de

um regime fascista. Há, portanto, um deslocamento temporal na narrativa, que entrelaça episódios da história brasileira do passado e do presente, articulando uma reflexão sobre o futuro. Portanto, se as distopias literárias são vistas seja pelo “envolvimento com questões sociais e políticas do mundo real, quanto no escopo crítico das sociedades em que se concentram” (BOOKER, 1994), interessa-nos, sobretudo, examinar a estrutura da obra em questão, bem como trazer apontamentos em torno da estrutura da sociedade em que foi produzida, para entender as principais relações entre ambas.

Palavras-chave: Literatura e sociedade; Literatura brasileira contemporânea; Utopia; Distopia; Distopia brasileira.

15h - **Comunicação 07:** “Música e empoderamento feminino: uma análise dialógica do filme *Antonia, uma sinfonia*, de Maria Peters”

Mariana Galdino Santana (UFAL/PPGLL)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar os discursos sobre o papel da mulher em uma sociedade machista, tendo como objeto de análise o filme *Antonia, uma sinfonia*, dirigido por Maria Peters, lançado em 2019. É de conhecimento público que as orquestras de renome mundial foram/são regidas por maestros (figura masculina). Esta é considerada uma profissão dada para o homem na tradição musical, por isso não se admitia sequer a matrícula de mulheres em conservatórios de música, quiçá na posição de regentes. Diante de tal problemática, como aporte teórico para as discussões empreendidas, apoio-me em Bakhtin (2006; 2018), tomando o filme como enunciado concreto, atravessado por vozes que trazem consigo discursos representativos de valores sociais e em Brait (2013), para a qual os aspectos da verbo-visualidade produzem sentidos e revelam um sistema de poder. Trata-se, portanto, de uma análise de viés dialógico-discursivo de inspiração bakhtiniana. Os resultados evidenciam que a música, aqui entendida como um tipo de linguagem, possibilitou à protagonista e às mulheres da época a oportunidade de se expressarem, de exporem as suas emoções, como raiva, alegria, tristeza, medo, esperança entre outras, por meio das notas musicais. Essa expressividade foi/é libertadora e, com maestria, Bricó colocou a música acima de todas as dificuldades. *Antonia* pode não ter tido o seu nome marcado na história da música, mas, sem dúvidas, o lançamento desta obra em análise abriu um espaço notório para que a sua história começasse a ser(re)conhecida e difundida, além de mostrar a necessidade da problematização desses discursos opressores que ditam o que as mulheres devem fazer e que lugares devem ocupar.

Palavras-chave: Orquestra; Resistência; Empoderamento feminino.

15h30min - **Comunicação 08:** “Sobre Antônia e sobre nós, mulheres: uma análise dialógica do discurso”

Olindina Maria Pereira de Oliveira (UFAL/PPGLL)

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar o longa-metragem “Antônia, uma sinfonia.” (2018), escrito e dirigido por Maria Peters, que baseia-se na vida e nas realizações de Antônia Brico, através de dois conceitos bakhtinianos, a interação dialógica e a ideologia do cotidiano. Apoiada pelos pressupostos teóricos de Bakhtin e o Círculo (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 1992) compreendo a língua, como constituinte e constitutiva das relações humanas e, partir dessa perspectiva tenciono enxergar o filme como objeto cultural, produzido num determinado tempo e espaço, sob a realidade contemporânea de quem o contempla, tecendo reflexões sobre a vida e os valores que direcionam o presente e o futuro. Dessa forma, através da arte, do cinema, objetivamos discutir sobre os conceitos apresentados estabelecendo uma relação com a narrativa, seus personagens e os sentidos produzidos. Por meio de uma metodologia interpretativa, de base qualitativa, buscou-se uma aproximação entre a análise discursiva da narrativa, recortes de cenas da protagonista Antônia e questões sociais que apontassem para uma reflexão mais ampla sobre mulheres e as muitas Antônias que habitam em cada uma de nós. Os dados gerados sinalizam os discursos e as construções sobre a mulher, valores e vozes sociais e como isso reflete na sociedade. Espera-se que outros estudos aprofundem discussões sobre essas questões sociais hegemônicas, contribuindo para que no diálogo com o presente, o futuro possa ser reescrito, com mais tolerância e respeito.

Palavras-chave: Interação Discursiva; Ideologia; Antônia Brico; Mulheres; Poder; Arte

SEXTA-FEIRA (22/09)

* Sessões de comunicações coordenadas:

- Sessão coordenada 01 (on-line):

09h às 12h

Link: <https://meet.google.com/pnf-ohzq-tjs>

9h - “Distopia crítica em uma galáxia muito, muito distante: Os atos de resistência nas comunidades da série *Andor* (2022)”

Maria Fernanda Silva dos Santos (UFAL)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

RESUMO: O presente trabalho adota uma abordagem interpretativa para compreender o universo distópico da primeira temporada da série *Andor* (2022), pertencente ao universo ficcional de *Star Wars*. A base teórica está fundamentada nas contribuições de Tom Moylan (2016) acerca da Distopia Crítica, descrita como obras que conservam elementos utópicos em um cenário fictício distópico, ao proporcionar a criação de alternativas para uma determinada situação opressiva. Serão analisados conceitos como a contranarrativa de resistência e a reconstrução da memória empoderadora, por meio da apropriação da linguagem, bem como a estética visual da série. A tirania, característica comum em narrativas distópicas clássicas, é representada pelas ações do Império Galáctico contra as comunidades que formam *Andor*, o qual se mostra explorador, escravocrata e presente em diversas esferas da vida dos personagens. No entanto, é possível vislumbrar a esperança de sua queda através de fissuras presentes em seu próprio sistema, resultantes de sua arrogância ao subestimar aqueles que ele subjuga. A partir disso, essa pesquisa busca demonstrar que a linguagem desempenha um papel fundamental na trama, atuando como uma forma de resistência das comunidades retratadas e permitindo a criação de um espaço de esperança dentro do pessimismo, enfatizando também a relevância de ações radicais. A guinada distópica do protagonista (Moylan, 2016), nesse sentido, ocorre à medida que ele passa a questionar as contradições do sistema opressivo no qual está inserido, resgatando suas memórias para estabelecer uma conexão identitária com seu povo e, conseqüentemente, compreendendo seu papel na luta revolucionária.

Palavras-chave: Distopia Crítica; Comunidades; Resistência; *Star Wars*; *Andor*.

9h15min - “*Herland*, romance utópico publicado pela escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman”

Julia Vieira Tulher (Escola Municipal José de Anchieta)

RESUMO: Este trabalho pretende analisar *Herland*, romance utópico publicado pela escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman em 1915, sob a ótica do corpo feminino. O lugar do corpo é um dos temas centrais em diversas obras da autora, sendo elas ficcionais ou não, logo, sua representação no romance aqui analisado surge em diversas instâncias. Gilman propõe, na narrativa, personagens femininas alheias às expectativas construídas pela sociedade patriarcal do Ocidente no que tange à sua performance de feminilidade. Seus corpos diferem dos das mulheres estadunidenses do início do século XX no que tange ao porte físico, à racionalidade e ao seu lugar na esfera pública. Logo, propomos como objetivo principal desse trabalho uma análise da constituição do corpo das nativas da “Terra das Mulheres”, comparando-as com os padrões de gênero socialmente impostos na sociedade patriarcal do período. Para tal, iniciaremos a pesquisa traçando uma biografia da autora, explorando, especialmente, sua relação com o seu próprio corpo, seu lugar no movimento feminista e, por fim, comparando outras de suas publicações com *Herland*, uma vez que suas obras representam a mulher de maneiras distintas. Após, interpretaremos as maneiras pelas quais a autora representa os conceitos de corpo, gênero e sexualidade femininos. Para isso, faremos uma breve historiografia do

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

feminino a fim de entendermos de que forma seu corpo passou a ser negligenciado. Por fim, sabendo que a maternidade e o corpo feminino caminham lado a lado, e sendo aquele tópico um dos temas centrais da obra aqui analisada, observaremos as maneiras pelas quais Gilman utiliza a maternidade e a reprodução na utopia a fim de fornecer o controle de seus próprios corpos às mulheres.

Palavras-chave: *Herland*; Charlotte Perkins Gilman; Feminismo; Gênero; Utopia

9h30min - “Distopia e Utopia em Séries com Zumbis: The Last of Us e The Walking Dead”

Aline Maria Silva da Cunha (UFAL)

RESUMO: Sabendo que a sombra literária que persegue a utopia é a própria distopia e vice-versa, é possível encontrar traços dos dois gêneros em uma mesma história, não somente nas classificadas no tema específico, mas também em outros gêneros como ficção científica, fantasia e até mesmo ficções de terror. Esta pesquisa tem por objetivo pontuar estes traços característicos da distopia e da utopia presentes nas séries sobre o fim do mundo, especificamente nas quais usam como temática o apocalipse zumbi, por exemplo, as séries *The LastofUs* e *The WalkingDead*. A partir disso, serão analisados os episódios da primeira temporada de *The LastofUs* e os episódios da primeira à sétima temporada de *The WalkingDead*, focando na nova organização social que os personagens são forçados a conviver, nas condições humanitárias das comunidades, pontuando se existem reais condições de vida, ou apenas a precariedade, além do comportamento dos e das personalidades que instigam a mudança. Usando por base teórica escritores como Tom Moylan, Thomas More e outros. No fim, a intenção é saber se é realmente possível confirmar a existência da intertextualidade do gênero utópico e distópico em textos literários de variados temas, como os do apocalipse zumbi.

Palavras-chave: Intertextualidade; Apocalipse Zumbi; Distopia; Utopia; Análise Literária.

9h45min - “Obras distópicas no ensino de literatura e o desenvolvimento do protagonismo jovem: uma proposta didática para o trabalho com temas transversais”

Talita de Souza Lins (UFAL)

RESUMO: Partindo do princípio de que a escola deve configurar-se como espaço propício para formação humana integral, faz-se necessário, então, que as crianças e adolescentes tenham oportunidades para desenvolver suas habilidades socioemocionais nesse contexto. Entretanto, as instituições de ensino brasileiras nem sempre são cenários propícios para tudo isso, especialmente nas séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, fases em que se torna comum a perda do engajamento e a falta de interesse no que se refere aos temas contemporâneos transversais, já que estes nem sempre são abordados de maneira apropriada. Sendo assim, este trabalho se propõe a incentivar e ampliar a discussão a respeito do papel de professores(as) neste período, bem como propor reflexões e ações voltadas,

especialmente, para atuação de profissionais da área de Linguagens, que podem, através do ensino da literatura, promover uma pedagogia revolucionária de resistência (HOOKS, 2013), ao utilizar obras ficcionais distópicas, cuja produção do século XXI tem atraído uma quantidade cada vez maior de jovens. A partir da análise de textos teóricos e literários e dados de pesquisas a respeito da vivência de estudantes na educação básica, foram propostas alternativas para o trabalho com a literatura infanto-juvenil distópica, a exemplo da obra *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins, sendo então apresentada uma sequência didática que trabalha leitura, escrita e oralidade, além de competências socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta produção poderá incentivar práticas pedagógicas que colaborem para o desenvolvimento do protagonismo jovem, disseminando a ideia de valorização da infância e juventude, enquanto fases propícias para o engajamento em questões sociais e indicando meios para sua concretização.

Palavras-chave: Distopia; Literatura Infanto-juvenil; Protagonismo Jovem; Temas Transversais; Proposta Didática.

10h - “Revoluções teocráticas e distopia: uma análise comparativa entre *O conto da aia* (1985), de Margaret Atwood e *Divino Amor* (2019), de Gabriel Mascaro”

Kezia Araújo Lins (UFAL)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar duas obras, uma da literatura e outra do cinema: *O conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, e *Divino Amor* (2019), de Gabriel Mascaro, utilizando como metodologia a literatura comparada e os estudos teóricos do cinema, buscando um diálogo entre as suas semelhanças e diferenças. *O conto da Aia* se passa em Gilead, onde as mulheres perdem todos os seus direitos civis e passam a viver a favor do estado, sendo divididas em castas, procriando ou trabalhando em uma função específica onde não há liberdade de opção; acompanhamos a vida de Offred, a protagonista, que coube a categoria de Aia, e tem como única função procriar, depois que uma catástrofe nuclear tornou estéril uma grande parte da população, dentro daquele país. Em *Divino Amor*, também acompanhamos uma sociedade pós-revolução, onde as festas tradicionais do país (Brasil) se transformam em festas de espécie cristã. Acompanhamos Joana, a protagonista que trabalha num cartório, cuidando da parte burocrática do divórcio, e, assim, tem a oportunidade de convencer casais a frequentar a igreja Divino Amor, onde vivenciam um tipo de terapia para casais. O trabalho, a partir da comparação, busca perceber, entender e visualizar o futuro das obras de distopia, além de observar a representação das revoluções teocráticas e seu impacto dentro dessas obras, identificando como as sociedades distópicas se estabelecem pós-revolução - para isso, utilizamos os estudos de Carvalhal (1986) e Remak (1961). Como resultados parciais, já podemos identificar algumas comparações traçadas entre as obras, como a distopia, com umas das abordagens principais sendo o controle sob os corpos das mulheres, e como era a vida nesses países governados pós uma revolução teocrática.

Palavras-chave: Distopia; Análise Comparada; Margaret Atwood; *Divino Amor*; Teocracia.

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

10h15min - “June não é Offred: agência feminina e politização da arte analisadas em duas cenas”

Liciane Guimarães Corrêa (UERJ)

RESUMO: Em 1981, quando surgiu a ideia de Margaret Atwood de escrever O conto da aia, estava em cena a eleição de Ronald Reagan, um governo que seria marcado pelo neoliberalismo e pelo crescimento do nacionalismo cristão, tanto que até hoje o nome do presidente é bastante ligado ao conservadorismo. Aquela década era ainda fortemente influenciada pelas teorias psicanalíticas do século anterior, sobretudo Freud e “uma recuperação do feminino no interior de uma lógica que a mantém no recalque, na censura, no desconhecimento” (IRIGARAY, 2017 [1977], p. 90), colocando a mulher como incompleta por não ter o falo masculino. Hoje essa teoria freudiana já foi refutada, e os slogans como “meu corpo, minhas regras” e “eu não sou obrigada a nada” fazem parte do discurso de empoderamento feminino, embora as amarras do patriarcado ainda existam e sejam fortes. Com Os testamentos, cuja escrita começou em 2016, Atwood conta que “liberdade e seus opostos estavam na minha cabeça” (2022, p. XVIII), em decorrência da corrida para presidência com Trump como forte candidato e das gravações das séries The Handmaid’s Tale e Alias Grace, adaptadas de seus romances. Certamente ambas as distopias têm perfil revolucionário no contexto estadunidense do final do século XX e do início do século XXI; no entanto, a segunda bebe desse momento em que as minorias estão cada vez menos dispostas a se calar diante da opressão, a exemplo de ondas revolucionárias como a Primavera Árabe, no final de 2010, quando manifestações e protestos tomaram países reconhecidamente não democráticos, tendo as redes sociais como principal veículo de disseminação de ideias. Na cena feminista, explodiu o número de blogueiras trazendo à tona discussões como sexo, relacionamentos abusivos e misoginia, entre outros. June, como a personagem principal é conhecida na série The Handmaid’s Tale, leva uma vida tão distópica quanto Offred, narradora do livro, porém há algumas cenas que narram a mesma situação no livro e na adaptação audiovisual e que mostram uma diferença importante na construção das protagonistas da década de 1980 e dos anos 2010. A proposta desta comunicação é analisar detalhadamente duas cenas, como num close reading, e entender o que as diferenças de postura corporal e vocabulário (no original, em inglês) nas falas mobilizam.

Palavras-chave: O conto da aia; romance; adaptação audiovisual; agência feminina; politização da arte

- Sessão coordenada 02 (on-line):

09h às 12h

Link: <https://meet.google.com/xqw-sbbw-trh>

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

9h - “Afrofuturismo, alfabetização ecológica e revolução antropológica na ficção “Despertar”, de Octavia Butler”

Rogério Bianchi de Araújo (UFCAT)

RESUMO: A temática dessa comunicação é referente ao primeiro livro da *Trilogia Xenogênese* da escritora afro-americana Octavia Butler. Nessa obra, proponho fazer um recorte e uma interpretação reflexiva sobre um processo de ressignificação, ou mesmo revolução antropológica ficcionalmente proposta por Butler, sobretudo no capítulo intitulado “Pré-Escola”. Entendo esse como uma espécie de alfabetização ecológica para que possamos novamente habitar o planeta, agora sob o viés de um paradigma alternativo ao paradigma cartesiano. O pensamento ecológico, a filosofia feminista, assim como a representação simbólica do Afrofuturismo e antirracismo são todos temas subjacentes nessa ficção. Lilithyapo, antropóloga, é a personagem chave da Trilogia de Butler. Penso que o fato de Lilith ser antropóloga é muito simbólico, dado que a Antropologia elabora em seu campo de estudo as análises das sociedades, desde as primevas até as contemporâneas, além de referenciar toda a pluridiversidade cultural e enaltecer o relativismo cultural e a alteridade. O aprendizado da compreensão, da tolerância e da convivialidade perpassam toda a Trilogia da autora. A revolução antropológica a qual me refiro vem do aprendizado proposto pela sociedade alienígena, Oankali e Ooloi, ou seja, os seres humanos devem reaprender a habitar o planeta Terra por intermédio da raça alienígena. Considero que há aqui uma relação muito interessante com o Afrofuturismo, sob a base da Filosofia Ubuntu - “eu sou porque nós somos”. É emblemático que precisamos nos afastar do planeta e da própria raça humana para aprendermos sobre nós mesmos. Esse é um movimento típico da Antropologia, em que é preciso transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. O texto de Butler remete ao Planeta Terra devastado pela guerra nuclear, preocupação predominante nos anos oitenta do século vinte, algo que ainda não deixou de ser ameaçador, pelo contrário. No primeiro livro da Trilogia de Butler, “O Despertar”, a minha chave de leitura interpretativa se dá sob outra ameaça que se junta à nuclear, qual seja, a ameaça ao Planeta como o conhecemos, mas nesse caso devastado pelos efeitos do Aquecimento Global. No meu entendimento, o livro é ainda mais atual pelo fato de que a necessidade de uma mudança de hábitos, cultura, sistema econômico e político, paradigma, etc. são mais contundentes para a contemporaneidade do que nos anos oitenta, época em que o livro foi publicado. Concretamente, o tempo está se acabando e as mazelas vividas por Lilith, ao ser escolhida como a líder da mudança e aquela que impulsionará uma raça híbrida entre terráqueos e alienígenas, magistralmente escrita por Butler em sua ficção especulativa, vislumbra um horizonte utópico para, quem sabe, tornarmos-nos de fato “terrano”, como dizia o antropólogo Bruno Latour.

Palavras-chave: Afrofuturismo; Antropologia; Ficção Especulativa; Terrano; Educação

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3 IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

9h15min - “As narrativas gráficas Queer”

Fabício Batista de Sousa (UFAL)

RESUMO: As narrativas gráficas *queer* têm sido um marco importante para a diversificação das histórias em quadrinhos, sobretudo, por ser um espaço de representação de personagens e histórias que desafiam as normas de gênero e sexualidades. Assim, cartunistas *queer* trazem em suas narrativas a representação de corpos que se movem fluidamente entre diferentes identidades de gênero e orientações sexuais, destacando a diversidade de r(existências). Neste estudo, analisamos como a personagem Paul Grappe, protagonista da narrativa gráfica *MauvaisGenre* (2013), de ChloéCruchaudet, transita e r(existe) dentro de um território totalitário e opressor de gênero. A narrativa se desenrola entre os anos de 1911 a 1925, retratando os conflitos e tormentos enfrentados por Paul Grappe durante a primeira guerra mundial, na França. Como homem, ele é compelido a defender com todas as forças a sua pátria, sofrendo assim todo tipo de opressão imposta pela violência e caos da época. Para escapar dessa realidade brutal que lhe é imposta, a personagem decide mudar drasticamente sua identidade, abandonando definitivamente a imagem de soldado heroico e viril. Para impulsionar nossa análise, exploraremos o conceito de “queertopia”, inspirado nos textos de Muñoz (2009), que abordam as possibilidades de novas maneiras de ser e existir para pessoas *queer* em um mundo utópico. Esse conceito tem uma grande relevância para o personagem que estamos estudando, assim como os escritos sobre teorizações *queer*, fundamentados nos estudos de Judith Butler (2016) e Monique Wittig (2022).

Palavras-chave: Narrativa Gráfica; *Queer*; Queertopia; Personagem; Primeira Guerra Mundial

9h30min - “Tessituras da distopia: Referências intertextuais em *V de vingança*”

Ricardo Ferreira Silva Lima (UFAL)

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é evidenciar as diversas camadas textuais presentes na narrativa gráfica *V de Vingança*, de Alan Moore e David Lloyd, e sua relação com as distopias clássicas do século passado. É ancorada na ideia de intertextualidade como um mosaico de citações proposta por Julia Kristeva (2012). Recorre também ao suporte teórico de Tom Moylan (2016) e Gregory Claeys (2017) para traçar uma breve genealogia da distopia com ênfase em *Admirável Mundo Novo*, 1984 e *Fahrenheit 451* e salientar como características centrais dessas obras se fazem presentes no texto híbrido dos quadrinistas ingleses. Não apenas aspectos gerais comuns a essas narrativas - como a ambientação em um futuro tecnológico, onde um Estado totalitário mantém rígido controle sobre a população, impondo a submissão social e a perda das subjetividades, cuja presença de uma personagem central subversiva ameaça a ordem vigente -, mas também elementos mais específicos, tanto temáticos quanto estruturais, serão considerados. Acerca do texto de Aldous Huxley, por exemplo, tal qual em *V de Vingança*, este trabalho enfatiza a maneira como as citações dos dramas shakespearianos contribuem para estruturar ambas as narrativas. No que diz respeito à obra de George Orwell, a análise se concentra sobre os

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

semelhantes recursos tecnológicos usados para impor o controle social, bem como destaca a similaridade da natureza do Estado opressor. Finalmente, aborda também a destruição da cultura como característica compartilhada entre o romance gráfico em questão e a narrativa de Ray Bradbury. Longe, portanto, de ser uma mera cópia dos cânones distópicos do século XX, *V de Vingança*, em suas interseções com essa tradição literária, apresenta uma abordagem discursiva inteiramente nova, haja vista, principalmente, o fato de ser uma produção híbrida de texto e imagem.

Palavras-chave: *V de Vingança*; Romance Gráfico; Narrativas Distópicas; Intertextualidade; Texto Híbrido.

9h45min - “Os elementos distópicos em “Medida provisória”

Matheus Tavares Farias da Silva (UFAL)

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de analisar a produção cinematográfica “Medida provisória”, de Lázaro Ramos, elencando elementos distópicos abordados no filme. Para isso, apresentaremos trechos selecionados, que serão inseridos em categorias de análise, a fim de que possamos compreender como esses elementos estão inseridos na obra e o que eles representam para o desenvolvimento da trama. Nesse sentido, este trabalho pode contribuir para possíveis formas de identificar elementos distópicos nas produções culturais, especialmente em como o cinema brasileiro está se desenvolvendo à luz das distopias do século XXI.

Palavras-chave: *Medida provisória*; Trechos Selecionados; Distopia; Elementos Distópicos; Análise.

10h - “Utopias em tradução: apropriação da linguagem não binária para traduções ao português brasileiro”

Elton Luiz Aliandro Furlanetto (UFMS)

RESUMO: Existe muita discussão a respeito das vantagens e desvantagens do uso da linguagem não binária, também chamada de linguagem “neutra” no Brasil. Essas discussões não se circunscrevem ao elemento linguístico, mas avançam para âmbitos políticos, principalmente pelo interesse de legisladores/as conservadores/as em proibir o uso de tal linguagem. A coletânea Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate, organizada por Fábio Filho e Gabriel Othero, por meio de uma diversidade de capítulos, traz as principais tendências desse assunto, e serviu de base para minhas reflexões acerca da importância social e do funcionamento de uma linguagem não binária no Brasil. É possível encontrar, nos últimos anos, vários exemplos de seriados audiovisuais que se utilizam da linguagem não binária nas suas traduções para dublagem e legendagem. Além disso, obras literárias também precisam lidar com esse tipo de linguagem, uma vez que suas autorias originais construíram personagens diversas, cujas identidades explicitamente recusavam as formas binárias como forma de expressão. De forma a ilustrar a apropriação que tradutores fizeram dos preceitos da linguagem não binária, vou apresentar trechos selecionados do romance *Uma mulher no limiar do tempo*, de Marge

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

Piercy, traduzido por Elton Furlanetto e Salmo para um robô peregrino, de Becky Chambers, traduzido por Fábio Fernandes.

Palavras-chave: linguagem neutra; utopias; estudos da tradução; Becky Chambers; Marge Piercy

*

- Sessão coordenada 03 - (presencial)

09h às 12h

Sala B-201

9h - “Olhos d’Água, de Conceição Evaristo”

Emerson Luiz Rodrigues (PIBID- UEPG)

Marcos Vinicius Matias (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de “Literatura Mundo”. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos mundiais como participantes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é o livro da autora Conceição Evaristo, de nacionalidade Brasileira, cujo título é *Olhos d’Água* (2016), e traz quinze contos que se passam nas comunidades e nas ruas onde vive o povo mais pobre vítima da mega bolha do abismo social de misérias, injustiças e abusos criminosos, causada pela hedionda concentração de riquezas nas mãos de pouquíssimos. Cada conto difere dos outros e ‘a maioria das histórias fala das mulheres negras e também de homens que têm suas vidas apoiadas em mulheres’ que, apesar de toda violência brutal da qual são vítimas, acabam sendo fortes por elas mesmas, mas também pelos homens, pelos filhos, pela comunidade em geral. Citamos: [...] “O conto, Olhos d’água, fala do retorno à terra natal em busca de respostas sobre o passado. ‘Ana Davenga’ vê a vida inteira passar diante dos olhos nas angústias da espera por seu homem. ‘Dudu Querença’ é a mulher que se desintegra conforme vai perdendo esperanças, sonhos, dignidade. ‘Luamanda’ é uma mulher livre que experimenta todos os prazeres que a vida lhe oferece. ‘Di Lixão’ é um menino de rua fugitivo da vida com a mãe, enquanto ‘Lumbiá’ vive com a mãe, que o põe para vender doces na rua. ‘Os amores de Kimbá’ fala de um jovem envolvido numa trágica história de amores. ‘Ei, Ardoca’ fala de um homem cuja vida foi configurada pelo movimento do trem em que viveu mergulhado desde o ventre da mãe. ‘A gente combinamos de não morrer’ fala de homens e mulheres perdidos no confronto entre o crime e a repressão. ‘Ayoluwa, a alegria do nosso povo’, é a menina que nasceu como um sinal de esperança e renascimento.” [...] (PALLAS, 2018). Embora tomado como um livro de contos de ficção em termos literários, Conceição reproduz magistralmente a realidade da vida nas ruas, inspirando-se, segundo ela própria, em pessoas reais, com histórias reais, o que a torna elegível para uma práxis educacional que busca aproximar a teoria, a literatura, a língua

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

portuguesa, a disciplina de Português da vida real, inspirando alunos e contribuindo significativamente para uma educação de qualidade.

Palavras chave: Conceição; Racismo; Combate; Esperança; Educação.

9h15min - “A casa surrealista de Abe Kobo: *Casulo Vermelho*”

Nicole Cristina Pokczyva (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentarei é do autor Abe Kobo, de nacionalidade japonesa, cujo título é *Casulo Vermelho* (_AkaiMayu_ 「赤い繭」). O conto “Casulo Vermelho”, de Abe Kobo, conta a história de um homem sem lar que busca por um lugar para descansar. O protagonista, então, adentra em uma profunda reflexão sobre sua própria existência, questionando-se acerca da possibilidade de ter esquecido que já tinha uma casa. Após algumas reflexões, o personagem principal percebe estar se transformando, literalmente, um casulo vazio - metáfora para um refúgio em si próprio, de cunho surrealista, marca do autor. Ao mesmo tempo, ele percebe que conseguiu um lar nesse casulo, porém não existe mais o “eu” que retornaria para ela. O conto aborda temas como a solidão, a busca por um lugar para pertencer e a alienação diante do mundo social. O personagem sem nome questiona se a falta de um lar é o que o torna um “judeu errante”, e reflete sobre a natureza da posse. O conto termina deixando o leitor com a sensação de que, talvez, a verdadeira casa do personagem (e do leitor) esteja dentro de si mesmo - o casulo. Dessa forma, consideramos que este conto enfatiza o fato de a literatura propor a si mesma como uma comunidade imaginária de encontro e esclarecimento entre os seres.

Palavras-chave: Abe Kobo; PIBID; Surrealismo; Literatura Mundo; Comunidades Imaginárias.

9h30min - “A poesia como ferramenta de resistência periférica”

Joseanne Kanufre Pires Ferreira (PIBID-UEPG)

Marco Antonio Correia Lima (PIBID-UEPG)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é da autora Mariana Felix, de nacionalidade brasileira, cujo título é "Donzela". Este poema pode ser encontrado no livro *Vício*, de produção independente, da poeta, bem como em formato de vídeos no YouTube e Facebook. O drama do poema "Donzela" foi apresentado primeiramente em um encontro cultural de difusão literária em forma de protesto e voz social, modalidade esta conhecida como "Slam", mais precisamente a edição "Slam Fluxo". Nesse último, a poesia ganha ainda mais força em uma ação performática da escritora ao declamar seu texto autoral, expressando muita emoção ao longo dos versos, desde o encantamento até sua indignação e a revolta, de acordo com os acontecimentos narrados. Mariana aborda a vivência de relações abusivas e destaca como isto pode ser fatal. O texto destaca: "Hoje várias donzelas não estão mais aqui pra contar suas histórias [...] em nome de qual amor que todos os dias tem sido o fim?" Em suas palavras, a poesia ganha o sentido de alertar, orientar, principalmente mulheres, sobre toda e qualquer forma de violência ou abuso. Hoje, é a grande porta-voz do movimento feminista de realidades periféricas sem a visibilidade necessária. Os trechos apresentam uma linguagem lírica do ponto de vista da vítima em estrutura de versos ritmados, que no início nos faz crer que se trata de uma história de amor ao estilo "Era uma vez". Seu trabalho possui um discurso feminista em que aborda várias realidades, principalmente de mulheres, vítimas de violência doméstica e sexual, e vulnerabilidade infantil. A abordagem, ao mesmo tempo sensível representando o olhar da vítima, em contrapartida com o discurso pesado do opressor, deixa claro que a relação de poder é sempre retratada como o principal problema nesses relacionamentos, mas que dá voz e/ou visibilidade para a pauta. Nossa intenção é pensar a produção da autora como capaz de propor uma comunidade real de amparo e acolhida para vítimas de relações abusivas e violência de gênero.

Palavras-chave: PIBID; Literatura-Mundo; Autores Periféricos; Mariana Félix; Ensino.

9h45min - "Ao Entardecer com José Eduardo Agualusa"

Maria Jacinta Pfeiffer (PIBID-UEPG)

Aline Cristiane Kutah (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

**IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA**

autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é um poema do autor José Eduardo Agualusa de nacionalidade Huambense, de Angola, cujo título é "O Homem Que Vinha Ao Entardecer". Esse poema traz melancolicamente a imagem de um homem, que, cansado do trabalho diário no campo, chega ao fim do dia na sua casa. Ele tem sua rotina: chega, bate palmas, entra na casa, seus sapatos cheios do pó vermelho da poeira e depois conversa consigo mesmo longamente sobre seu dia de forma misteriosa e tranquila. Esse poema é um convite à reflexão do que se constitui o nosso dia-a-dia, nossa rotina, as saudades que pouco a pouco vão surgindo, pois os dias se parecem todos iguais, mas quando se olha para trás parece tudo diferente, é o "mistério das tardes". Não sabemos quem é esse homem, talvez um pai, que deixou na lembrança do filho essa memória dele voltando para casa depois do trabalho, daí essa saudade implícita nos versos. Outras perguntas e reflexões podem ser feitas sobre o poema, como: onde esse homem mora, qual é sua família, quais sentimentos permeiam o homem e o observador do poema, qual a idade do homem, quais são suas vivências, seus anseios e sua personalidade? É um belo poema com o qual nos identificamos facilmente, com vários questionamentos e belas impressões contidas nele.

Palavras-chave: Literatura Mundo; PIBID; Formação Docente; José Eduardo Agualusa; Poema

10h - "Literatura periférica como porta-voz dos discursos emergentes"

Marcio de Oliveira Junior (PIBID-UEPG)
Giulia Banks Joanico (UEPG)
Gabriela Starke de Oliveira (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é do autor Reginaldo Ferreira da Silva, também conhecido como Ferréz, de nacionalidade brasileira, cujo título é "Relógios". Através da literatura periférica, Ferréz da visibilidade à realidade do cotidiano de quem vive na favela, contando um pouco da história de Mateus, um morador da periferia que conta sobre o dia em que o governo resolveu fazer a instalação elétrica numa comunidade em que viveu por anos sem essa condição. Desacreditado pela atitude demagógica do poder público, que trata

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3

Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

uma necessidade básica como uma concessão benevolente, Mateus resolve cortar parte dos fios e dar para as crianças venderem, já que reconhece que o dinheiro é deles mesmos. No outro dia pela manhã, as pessoas da comunidade estão deslumbradas com os relógios instalados nas casas, sem nenhuma crítica ao fato de que esse é um bem básico e que o Estado deve prover luz a todos, sem tratar esse benefício como se fosse uma benesse de boa vontade de políticos corruptos. Ferréz nos alerta, assim como fez Carolina Maria de Jesus, para a realidade vivida por pessoas que são invisibilizadas na sociedade, para pessoas que têm sonhos, talentos, inteligência e criatividade, mas que têm oportunidades muito diferentes: não têm acesso ao estudo, nem a boas oportunidades de emprego e crescimento profissional. São pessoas que vivem num meio violento e não têm acesso aos direitos básicos para viver: moradia, alimentação e saúde. Por isso, é muito importante o reconhecimento destas comunidades como produtoras de sentido e discurso, dando visibilidade às suas questões de sobrevivência e luta por direitos básicos. Conhecer e consumir literatura periférica é termos conhecimento social e ver por uma outra perspectiva - quais são as expressões que estão sendo produzidas nesses meios? O que podemos aprender através do rap, do grafite e da cultura periférica? Mais do que “dar voz” para os invisibilizados, é necessário ouvir o que já está sendo dito. “A poesia marginal periférica envolve fatores sociais que além de questionar a realidade opressora, discriminatória e desigual da sociedade capitalista, procuram reinventar suas próprias trajetórias individuais e, de forma indireta ou direta, também as dos sujeitos oriundos da periferia urbana da cidade. Ou seja, atuam com um discurso poético politizado que repercute na vivência de coletividades que, historicamente, são atingidas pela falta e precarização de serviços básicos, bem como de atividades culturais.” (LIMA, BEZERRA, GOMES, 2018, p. 6). Por meio de suas narrativas, Ferréz pluraliza sua fala e traz um espaço de conhecimento crítico sobre o cotidiano periférico e denuncia em sua fala a discriminação social e econômica produzida pela desigualdade social. Ensinar didaticamente a leitura de contos como os de Ferréz é instigar os estudantes a sair de sua bolha e ter uma visão crítica do ambiente em que vivem.

Palavras-chave: Literatura Mundo; Ferréz; Visibilidade; Literatura Periférica; PIBID.

10h15min - “Buganvília Vermelha”

Andrey Eduardo Malinosck (PIBID-UEPG)

Kinderly Thalia Lass Fernandes (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é do autor José Luandino Vieira, de nacionalidade luso-angolana, cujo título é “Buganvília”, a seguir deixaremos uma breve e sucinta explicação sobre o poema e a contextualização biográfica do autor. BUGANVÍLIA: “Branca a buganvília explode/no odiado muro em frente/à volta a vida berra crente/ e o negro sangue estanca/ vermelha a buganvília/rompe o muro da frente”. Ao analisarmos o poema, destaca-se a crítica étnico-racial nele presente, uma das interpretações possíveis propõe a leitura da imagem da flor buganvília em duas versões conflitantes: a branca e a vermelha. A buganvília branca remete ao estado de coisas pacificado pelo poder estabelecido que, mesmo com a “vida berrando em volta”, se mantém perene, enquanto a buganvília vermelha rompe o muro e torna explícita a cor do sangue e o sofrimento dos não-brancos. A perspectiva da Literatura Mundo nos leva até José Luandino Vieira, cidadão angolano pela sua participação no movimento de libertação nacional e contribuição no nascimento da República Popular de Angola e capaz de expressar as mazelas do racismo e do colonialismo em seu país e unir seus leitores e leitoras em uma comunidade mundial possível pela crítica e pela consciência da necessidade de um mundo mais justo. Luandino Vieira trabalhou em diversas profissões até ser preso em 1959, é depois libertado e, posteriormente (1961), de novo preso e condenado a 14 anos de prisão. Foi libertado em 1972, em regime de residência vigiada em Lisboa. Iniciou então a publicação da sua obra na grande maioria escrita nas diversas prisões por onde passou.

Palavras-chave: Buganvília; Periféricos; Étnico-racial; Racismo; Colonialismo

10h30min - “Romance policial brasileiro de J Halden”

Alía Rebeca Moreira e Subtil (PIBID-UEPG)

Débora Santos Resende (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é do autor J Halden, de nacionalidade brasileira, cujo título é *O Assassino das Páginas*. Hugh Lawrence é um detetive muito respeitado e prestigiado do departamento de polícia. Com ele, a investigadora Darla Hopkins tentará desvendar um caso de assassinato que parece impossível de resolver. Duas mulheres são assassinadas por dia e a imprensa faz a situação parecer ainda pior, criando matérias que colocam em ameaça os investigadores, e atrapalhando sua missão. Nossa abordagem este texto busca entender as comunidades virtuais, nas quais circulam *fake news* e interesses

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

antiéticos como uma espécie de distopia contemporânea em que a verdade ou a checagem dos fatos não se coloca como prática corrente.

Palavras-chave: Mistério; Assassinato; Detetive; Jornalismo; Perseguição

*

- Sessão coordenada 03 - (presencial)

09h às 12h

Sala B-203

9h - “Flor & Abismo em Caio Fernando Abreu”

Sabrina da Silva Alves (PIBID-UEPG)

Jennifer Yasmin Penteado (PIBID-UEPG)

Mateus Adriano Batista PIBID-(UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é do autor brasileiro Caio Fernando Abreu (1948-1996), cujo título é “Retratos”, publicado no ano de 1982 em uma coletânea intitulada *Morangos Mofados*. O autor nasceu na cidade de Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, em 12 de setembro de 1948 e morreu por complicações do vírus HIV em 25 de fevereiro de 1996. Em seus contos e crônicas, Caio Fernando Abreu abordou importantes temas como: a busca pela identidade, a solidão, a marginalidade e as relações afetivas, sempre carregadas de uma prosa envolvente, reflexiva e intensa. O conto “Retratos” narra a história de um homem (cujo nome não é revelado) e um hippie que ficava em frente à sua casa. O hippie se oferece para fazer retratos do protagonista, o qual acaba vencendo seu preconceito e aceitando, sendo assim, os dois desenvolvem uma forte relação ao longo dos dias. A interação com o hippie leva o protagonista a um questionamento da sua própria identidade, fazendo com que o mesmo sinta um vazio existencial profundo. Nesse sentido, o conto exemplifica bem as características de Caio Fernando Abreu, como: a busca pela identidade, personagens solitários, críticas sociais, o niilismo, a fuga da heteronormatividade, entre outras. Este conto pode ser articulado à ideia de comunidade virtual proposta pela Literatura Mundo, na medida em que se inscreve em uma dicção não hegemônica, com espaço para a voz dos marginalizados e excluídos dos centros de poder cultural e econômico.

Palavras-chave: Literatura Mundo; PIBID; Retratos; Caio Abreu; Conto.

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

9h15min - “Contos periféricos e a busca por uma voz coletiva”

Lohan Vinicius de Oliveira (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentaremos é do autor Sidney Felix, de nacionalidade Brasileira, cujo título da obra é *Contos periféricos*. Nesta pequena coletânea, são seis contos rápidos e escolhidos por representar fatos fictícios, mas de grande apelo social, que englobam a vida na periferia por diversos ângulos. Nas palavras do autor: "Esse primeiro passo representa um projeto de boas intenções, ideias para mais material não falta no cotidiano periférico e o princípio era realmente promover a escrita de contos em escolas de varias regiões de São Paulo, e eleger os melhores para uma coletânea de impacto Estadual, mas a dedicação ao desenvolvimento ficou falha devido ao pouco incentivo que temos, ou nossa pouca influência política, o que poderia tornar-se um movimento cultural expansivo, acaba esquecido pelo tempo escasso e conjunto". O autor é um trabalhador e morador da periferia na Zona Leste de São Paulo, cursou Letras até o quarto semestre e é vítima da doença diagnosticada como esquizofrenia refratária. Sua produção representa um registro de vozes periféricas que não teriam espaço sem a iniciativa inclusiva do autor.

Palavras-chave: Ensino; PIBID; UEPG; Contos; Periféricos.

9h30min - “Uma análise comparativa em duas obras do gênero distópico, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley”

Camila Martins Ferreira (UEPG)

RESUMO: As atrocidades que marcaram o século XX - duas guerras mundiais, a instauração de governos ditatoriais e a ameaça constante de uma guerra nuclear - foram fatores que contribuíram para uma crescente onda de textos de teor crítico-social essencialmente pessimistas, denominados de distopias. No entanto, as análises e reflexões sociais que emergem do romance distópico não se restringem a determinado período, já que as narrativas usam o artifício de localizar o mundo fictício em um espaço geográfico e temporal distantes de onde foram originalmente produzidas, para que, dessa forma, o olhar quanto aos problemas sociais e políticos que permeiam as sociedades seja sempre atual e, de certo modo, passíveis de reconhecimento em qualquer tempo. Tendo isso em vista, a proposta em questão

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

pretende realizar uma análise comparativa em duas obras do gênero, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley - na intenção de

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

averiguar um dos diversos aspectos problematizados nas obras: a configuração do âmbito cultural, considerando como os aspectos estabelecidos nessa área corroboram para a disseminação e manutenção dos regimes totalitários configurados em ambos os universos ficcionais. Além disso, pretende-se averiguar em que medida as ideias difundidas nas entrelinhas dos romances ainda dialogam com o comportamento social do século XXI e, que, portanto, podem servir como alerta para os futuros desdobramentos sociais. Para tanto, a análise será realizada sob a ótica dos conceitos de Indústria Cultural, propostos por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, dialogando com outras correntes filosóficas que contribuam para a compreensão do pensamento e do comportamento social na pós-modernidade. Trabalhos como os de Booker, Fortunati e Hilário serão utilizados para melhor delinear os conceitos referentes à distopia, tanto como corrente de pensamento quanto de gênero literário, visando, neste aspecto, o caráter problematizador presente em obras desse âmbito frente ao curso social.

Palavras-chave: Distopia; Indústria Cultural; Cultura; Huxley; Bradbury.

9h45min - “Ipê Amarelo”

Alessandra Jukoski de Araujo (PIBID-UEPG)

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do subprojeto Letras do Programa de Iniciação à Docência- PIBID, da UEPG, cujo tema gerador é o conceito de Literatura Mundo. Interessa-nos a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Entendemos os autores e autoras periféricos/ as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto que apresentarei é do autor Wilson Bueno, brasileiro, cujo título é “Ipê Amarelo”. Trata-se de uma crônica do livro *Diário Vagau*, de Wilson Bueno, que foi escritor, cronista e poeta paranaense, nascido em Jaguapitã. Nesse texto, o autor nos conta de uma forma leve e descontraída a trajetória da vida de um ipê amarelo, que chegou a ele sendo ainda uma mudinha plantada em um copo de iogurte. O ipê ainda incipiente era levado de um lado para o outro da casa sem um motivo aparente. Sobre o ipê, o narrador nos conta que a tia, da qual ele havia ganhado a pequena mudinha, ficou gravemente doente, e que o ipê não deu mostras de ligar a mínima para isso, pois o ipê como planta não tinha sentimentos e preocupações, ele simplesmente vive. Quando foi transplantado para o jardim, demonstrava o gozo da liberdade; independente das chuvas e ventos que o afligiam, ele era suficiente a si mesmo. Ao completar um ano, o ipê amarelo que atravessou os meses de inverno nu e desengraçado não parece mesmo se compadecer do narrador, triste e desgostoso com a morte de sua tia. No segundo aniversário do ipê, o narrador reflete como é possível alguém passar a existência sem nunca ter deitado uma semente ao chão por onde passamos e para onde retornaremos irremediavelmente. Ele decide então mudar o ipê para o quintal e relata de forma breve e crítica que paralelamente ao desenrolar da existência do ipê, ocorria um período político complexo e incerto onde se

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

prometia muito e não cumpria nada, com a população vivendo em meio ao pânico, com clara referência ao período da ditadura militar na história brasileira. Por fim, aquela pequena mudinha indefesa, porém insistente em seu propósito de viver,

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

crece até a altura da vidraça pela qual o autor a observava, isso ao completar seu terceiro ano, mas até esse momento nada de flor. Surgem, no entanto, agora na ponta dos galhos o “compacto mistério”, os botões, que o autor aguarda ansioso explodirem, é nesse mistério, nessa expectativa das flores amarelas que surgirão que o texto se finda. Esta crônica parece narrar apenas a banalidade do crescimento de uma árvore, mas há um paralelo entre a vida do narrador, seu espaço de circulação e a existência neutra e suficiente do Ipê; as reflexões do narrador destacam criticamente a passagem do tempo e a necessidade de coisas miúdas ocuparem seu espaço para dar sentido às nossas vidas.

Palavras-chave: Wilson Bueno; Ipê Amarelo; Reflexão sobre a vida; PIBID; Ensino

10h - “*Não verás país nenhum*: Uma análise da estrutura de poder na distopia de Ignácio de Loyola Brandão”

Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG)

RESUMO: O gênero literário distópico foi amplamente produzido durante momentos históricos nos quais havia grande inquietude em relação ao futuro, em decorrência da situação, geralmente, angustiante que a sociedade enfrentava naquele instante. No contexto brasileiro do século XX, a Ditadura Militar, instaurada por meio do golpe em 1964, consistiu em um dos períodos mais aflitivos e alarmantes da história nacional e é nesse cenário que Ignácio de Loyola Brandão produz a obra distópica *Não verás país nenhum*, publicada originalmente em 1981. A narrativa apresenta o Brasil, com foco mais específico na cidade de São Paulo, tomado pelo poder totalitário do “Esquema”, órgão governamental que controlava a tudo e a todos. Intentamos analisar como a estrutura de poder, responsável pela repressão, alienação e sofrimento da sociedade, bem como pelos desastres ecológicos que se abateram sobre o território, se constitui e se sustenta na distopia do Brandão, uma vez que compreender esse mecanismo dentro do universo ficcional auxilia a entender o regime totalitário da Ditadura Militar Brasileira. Ademais, pretendemos verificar como a escolha pelo gênero distópico contribui para o entendimento da realidade empírica do período e da contemporaneidade. Para tal fim, estamos respaldados teoricamente nas obras de Michael Foucault, Jeremy Bentham, Hannah Arendt, Leomir Cardoso Hilário, Carolina Dantas de Figueiredo, entre outros autores que igualmente versam sobre poder, totalitarismo e distopia.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea Brasileira; Romance Distópico; Poder; Controle; *Não verás país nenhum*.

10h15min - “Um conto sobre autoaceitação e rótulos: os dilemas de uma jovem introvertida em *A garota do banco de trás* (2020)”

Laura Gabrielly Maia Serrato (PIBID-UEPG)

Rodrigo Paes (PIBID-UEPG)

COMUNIDADES REAIS

COMUNIDADES IMAGINÁRIAS

COMUNIDADES POSSÍVEIS

RESUMO: Esta comunicação é resultado dos estudos realizados no âmbito do Subprojeto de Letras do Programa de Iniciação à Docência - PIBID, da UEPG, cujo tema é o conceito de Literatura Mundo. Entendemos este conceito como uma

MINUTO 3
Movências
Interdisciplinares
da Utopia

IX Colóquio
LITERATURA E
UTOPIA

proposição para pensar a produção literária mundial de forma democrática e inclusiva, com destaque para a produção de autores periféricos que não ocupam lugar central na lógica de mercado editorial. Nesse sentido, entendemos os autores e autoras periféricos/as mundiais como partícipes de uma comunidade literária mundial, uma comunidade possível, que opera pela lógica da diferença e não apenas pelo reconhecimento de influências e semelhanças. O texto a ser trabalhado, de Mary C. Müller, autora brasileira, se chama *A garota do banco de trás*. Enredo no qual uma jovem pega o mesmo ônibus todos os dias. Senta no mesmo lugar. Vê as mesmas pessoas e o mesmo cenário da janela do seu assento. É possível que aquelas pessoas interfiram em sua vida de alguma forma? Bianca nutre uma paixão de quase um ano por uma garota que ela vê todos os dias no ônibus. Por conta da timidez e baixa autoestima, ela nunca teve coragem de ir abordar a sua paixão secreta, mas com a chegada do final do ano, e o fim das aulas, ela decide que precisa fazer algo sobre isso. Conseguiria ela, finalmente, conhecer a garota misteriosa que chamou a sua atenção por tanto tempo? Esta obra trata de assuntos recorrentes nas vivências de qualquer indivíduo, como introversão, inseguranças, cargas excessivas de novas responsabilidades e formação de identidade, pois, de certa forma, todos teremos que lidar com essas adversidades, mais cedo ou mais tarde, criando assim uma fácil identificação por parte do leitor, que pode se ver representado na obra.

Palavras-chave: PIBID; Literatura Mundo; Conto; Autoaceitação; Adolescência